



Mudança Estrutural, Crescimento e Convergência real da Região do Norte: uma comparação europeia

Resumo

O crescimento económico da Região do Norte, medido pela variação real do VAB, foi de 0,71%, em média anual, entre 2000 e 2017. Este crescimento decorreu de um aumento da produtividade do trabalho (1,08%) e de uma redução do emprego (-0,36%). Na fase mais recente do ciclo económico, entre 2013 e 2017, a Região do Norte mostrou um dinamismo assinalável. Em média anual, o crescimento económico foi de 1,87%, impulsionado por um crescimento do emprego de 2,03%. No entanto, neste período a produtividade do trabalho observou uma redução de 0,15%.

O crescimento da produtividade do trabalho da Região do Norte entre 2000 e 2017 não assegurou uma convergência real relevante com a UE28. Em 2017, o valor deste indicador era equivalente a 64,5% da média da União Europeia, apenas um ponto percentual acima do valor registado em 2000. A produtividade do trabalho da Região do Norte manteve-se ao mesmo tempo como a mais baixa do país e uma das mais baixas da União Europeia.

O reduzido nível de produtividade da Região do Norte decorre, em parte, da sua estrutura produtiva, ainda fortemente marcada por ramos de atividade com baixos níveis de produtividade. Apesar de alocar cerca de um quarto de todo o emprego da Região do Norte, a indústria transformadora apresenta um nível de produtividade do trabalho inferior ao da média da Região (-9,7 p.p.) e ao da média nacional (-16,4 p.p.). As regiões mais industrializadas localizadas em países com forte tradição industrial, como a Espanha, a Itália, a Alemanha e a Áustria registam níveis de produtividade do trabalho neste setor superiores ao dobro do registado na Região do Norte.

Pese embora o seu baixo valor, a produtividade do trabalho no âmbito das indústrias transformadoras da Região do Norte cresceu 51,6% entre 2000 e 2016, o 12º maior crescimento entre as 21 regiões mais industrializadas incluídas neste estudo. O ganho de produtividade foi, no entanto, acompanhado pela perda de 150.000 postos de trabalho (-26,9%), a segunda maior queda entre as regiões mais industrializadas da União Europeia.

Entre 2000 e 2016, a mudança na estrutura produtiva regional combinou uma forte redução do emprego nos setores primário e secundário (cerca de 300.000 indivíduos) com um aumento no setor terciário (cerca de 150.000), registado sobretudo no comércio e nos serviços diferenciados e intensivos em conhecimento. Esta alteração na estrutura do emprego contribuiu com 0,53 p.p. para o crescimento da produtividade do trabalho da Região do Norte, em média anual, entre 2000 e 2016 (1,2%). Ao longo da série temporal em análise, o impacto da realocação do emprego entre setores de atividade atingiu o valor mais alto durante o período de recuperação económica de 2013 a 2016 (0,98 p.p.), o que indicia uma aceleração no movimento do emprego para setores de maior produtividade durante esta fase.

A mudança estrutural da economia da Região do Norte esteve também associada a uma alteração nas fontes de criação de riqueza. O grupo de atividades incluídas no terciário superior (atividades de consultoria, científicas, técnicas, administrativas e serviços de apoio; atividades financeiras e de seguros e atividades de informação e comunicação) registou o maior contributo acumulado (4,33 p.p.) para o crescimento do VAB da Região do Norte (10,5%) entre 2000 e 2016, bastante acima do contributo das indústrias transformadoras (2,4 p.p.) e ligeiramente acima do contributo do comércio, transportes, alojamento, restauração e similares (4,07 p.p.). Ainda assim, os serviços do setor terciário superior representavam apenas 12,5% do VAB total da Região do Norte.

Introdução

A mudança estrutural, o crescimento e a convergência real constituem importantes objetivos da política de coesão. Para a sua concretização têm sido desenhados instrumentos de cariz multidimensional em áreas como a educação, a saúde, a inovação, o conhecimento, os transportes ou o ambiente. A aplicação destes instrumentos tem privilegiado as regiões menos desenvolvidas da Europa, como é o caso da Região do Norte. Estas regiões apresentam comumente várias debilidades estruturais, relacionadas com níveis reduzidos de qualificação dos recursos humanos e com o enviesamento do sistema produtivo para setores de baixa produtividade do trabalho e reduzida incorporação de valor, apresentando ainda frequentemente níveis insuficientes na provisão de bens e serviços públicos. A correção destas debilidades estruturais tem sido apontada como condição necessária para a prossecução de um crescimento económico sustentável e compatível com a melhoria das condições socioeconómicas das populações (Comissão Europeia, 2019).

Do ponto de vista normativo, para que o crescimento económico seja considerado sustentável devem observar-se três grandes tendências de longo prazo, que se relacionam com i) o ritmo a que é feita a mudança estrutural, ii) o crescimento da produtividade do trabalho e do emprego e iii) a convergência real em termos de bem-estar relativamente às regiões situadas na fronteira tecnológica. A primeira tendência traduz o ritmo em que ocorre a mobilidade de recursos para ramos de atividade com maior produtividade do trabalho e maior capacidade de crescimento e de dinamização da economia. Nalguns casos, esta transferência ocorre em favor de setores especialmente vocacionados para o comércio externo de bens e serviços, permitindo às economias regionais obterem vantagens competitivas e assim contribuir para uma melhoria das contas externas do país. A segunda tendência relaciona-se com a intensidade de utilização dos fatores produtivos e com a sua qualidade, refletindo a capacidade de gestão de recursos e os níveis de incorporação de capital e de conhecimento. Já a terceira tendência – a convergência real relativamente às regiões localizadas na fronteira tecnológica está geralmente associada a uma forte aposta política na melhoria do bem-estar geral, numa lógica integrada de intervenção nos domínios económico, social e ambiental.

Tendo por base este enquadramento, a presente publicação tem como primeiro objetivo proceder a uma análise do processo de crescimento económico na Região do Norte, medido pela variação real do VAB, entre 2000 e 2017. O período em causa foi marcado por vários choques externos: desde logo a adesão

de Portugal à moeda única e a forte liberalização do comércio internacional, ocorridas no início dos anos 2000 e, mais recentemente, a grave crise financeira internacional, na sequência da insolvência de várias instituições financeiras norte-americanas. À luz do que foi dito anteriormente, pretende-se saber se este processo de crescimento decorreu de forma sustentável, estando assente em melhorias substantivas da produtividade do trabalho e do emprego e numa mudança da estrutura produtiva em favor de atividades mais dinâmicas, ou se, pelo contrário, houve fatores que introduziram estrangulamentos a este processo, afastando-o deste registo virtuoso. Em concreto, são exploradas as seguintes questões:

1. Como evoluiu a produtividade do trabalho da Região do Norte nos contextos nacional e europeu?
2. Qual foi o ritmo de crescimento do emprego da Região do Norte? Como compara com outros contextos?
3. Que ramos de atividade económica observaram um maior crescimento da produtividade do trabalho, do emprego e do Valor Acrescentado Bruto (VAB)?
4. Que fatores tiveram mais importância no crescimento da produtividade do trabalho da Região do Norte: a mobilidade do emprego para setores mais produtivos (componente intersectorial) ou o aumento da produtividade do trabalho dentro de cada setor de atividade (componente intersectorial)?
5. O modelo de crescimento da Região do Norte resultou de uma trajetória pautada por um aumento simultâneo do emprego e da produtividade do trabalho?
6. Que regiões da União Europeia observaram uma dinâmica de crescimento sustentável? Há diferenças entre categorias de regiões?
7. Em que medida a crise financeira internacional de 2008 terá induzido uma alteração na trajetória do crescimento na Região do Norte?

O segundo objetivo deste estudo consiste em proceder a um retrato comparado das assimetrias regionais observadas nos vários países da União Europeia. Esta comparação tem por base a classificação desenvolvida pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), que distingue entre regiões fronteira, regiões de convergência, regiões *keeping-pace* e regiões de divergência (OCDE, 2016). Esta categorização permite avaliar o ritmo de convergência da Região do Norte, tendo como termo comparativo quer as regiões com maiores níveis de produtividade do trabalho da União Europeia, quer as regiões que convergiram no contexto dos seus

países, a exemplo da Região do Norte, providenciando, desta forma, um retrato mais pormenorizado sobre o processo de crescimento regional e sobre as suas virtualidades e limitações. Considera-se ainda a categoria de "região mais industrializada" para efeitos comparativos, atendendo às características específicas da Região do Norte e, em particular, à grande expressão da indústria transformadora neste território. A comparação efetuada permite evidenciar diferentes trajetórias de convergência e de divergência da Região do Norte, consoante o termo comparativo usado, assim como estabelecer o nível de assimetria de Portugal no quadro europeu. A base de dados utilizada é a "Dataset: Regional Economy" desenvolvida pela OCDE, que disponibiliza informação económica detalhada ao nível regional¹.

Por fim, discute-se a relação entre coesão territorial dentro de cada país e crescimento da produtividade do trabalho, tendo como pano de fundo as diferentes visões existentes sobre o papel desempenhado pelas regiões fronteiriças, na sua maioria capitais, como âncoras de crescimento económico dos respetivos países.

O texto encontra-se estruturado da seguinte forma. A primeira secção explica detalhadamente a metodologia de classificação usada, expondo a sua relevância para efeitos da realização de estudos comparativos. A segunda secção analisa a evolução do nível de produtividade do trabalho da Região do Norte nos contextos nacional e europeu, procedendo a uma avaliação da dinâmica de crescimento da produtividade do trabalho desta região entre 2000 e 2017. A Secção 3 confronta o crescimento do emprego observado na Região do Norte com a evolução das diferentes regiões da União Europeia entre 2000 e 2017. A Secção 4 compara as dinâmicas de crescimento observadas nas várias categorias de regiões, determinando a importância relativa das componentes de emprego e de produtividade do trabalho. Esta comparação permite identificar as regiões da União Europeia que observam um crescimento económico mais equilibrado, dando conta igualmente das que registam um crescimento suportado isoladamente na evolução de uma das componentes, emprego ou produtividade do trabalho. Nesta secção efetua-se ainda uma análise pormenorizada sobre as fontes de crescimento das regiões mais industrializadas em cada um dos países em análise. Nas Secções 5 e 6 procede-se à análise da evolução da estrutura produtiva da Região do Norte no contexto nacional, tendo em vista a identificação dos ramos de atividade com maiores alterações no VAB, emprego e produtividade do trabalho. Descreve-se ainda a evolução das indústrias transformadoras da Região do Norte no contexto das

regiões mais industrializadas da União Europeia. Na Secção 7, o crescimento da produtividade do trabalho da Região do Norte é decomposto nas vertentes intrasetorial e intersectorial. Esta decomposição permite estimar o contributo da mudança estrutural do emprego para o crescimento da produtividade do trabalho entre 2000 e 2016. A última secção conclui, disponibilizando uma síntese das principais evidências obtidas.

1

<http://www.oecd.org/cfe/regionalpolicy/regionalstatisticsandindicators.htm>

1. A classificação das regiões com base na metodologia da OCDE

A classificação proposta pela OCDE (2016) considera as seguintes quatro categorias:

A **região-fronteira** é a NUTS II com a maior produtividade do trabalho do seu país. Regra geral, estas regiões são as mais inovadoras, as mais urbanizadas, as que detêm maior atividade empreendedora e onde, na maioria dos casos, se localizam as capitais. Como estão na fronteira tecnológica dos seus países, servem de referência para o padrão de desenvolvimento que pode ser alcançado pelas restantes regiões do país.

As **regiões de convergência** são as NUTS II de cada país com um crescimento da produtividade do trabalho superior em 5 ou mais pontos percentuais (p.p.) face ao observado na região fronteira. Nestas regiões, à medida que as debilidades estruturais vão sendo ultrapassadas, aumenta o ritmo de aproximação com o nível da produtividade do trabalho da região fronteira.

As **regiões de divergência** são as NUTS II de cada país com um crescimento da produtividade do trabalho inferior em cinco ou mais p.p. ao observado na região fronteira. Estas regiões encontram-se numa trajetória de divergência, alargando-se a diferença negativa face ao valor da produtividade do trabalho da região fronteira.

As **regiões keeping-pace** são as NUTS II de cada país cujo crescimento da produtividade do trabalho registou um diferencial de -5 p.p. a 5 p.p. face à região fronteira. Estas regiões registam um crescimento da produtividade do trabalho similar ao observado na região fronteira, que não lhes permite, por isso, convergir relativamente a essa região.

1.1. A aplicação da classificação da OCDE às regiões em estudo

A análise desenvolvida tem em consideração o período compreendido entre 2000 e 2017, considerando-se para efeitos de classificação o valor médio de produtividade registado neste período.

Em Portugal, a região fronteira é a Área Metropolitana de Lisboa, que apresenta a maior produtividade do trabalho, em média anual, entre 2000 e 2017. Em 2017, a produtividade do trabalho desta NUTS II é de 122,8% da média nacional, um valor significativamente superior ao observado na Região do Norte, a NUTS II com a menor produtividade do trabalho (85,6% da média nacional) e a mais industrializada de todas. Todas as NUTS II de Portugal, à exceção da Área Metropolitana de Lisboa, são classificadas como regiões de convergência, porque

registaram um crescimento da produtividade do trabalho superior ao da região fronteira em pelo menos 5 p.p.. No caso particular da Região do Norte, este crescimento foi de 20,0% entre 2000 e 2017 (valores a preços constantes), bastante acima do observado na região fronteira (3,3%).

Quadro 1 – Classificação das NUTS II de acordo com a metodologia da OCDE

Região NUTS II	Classificação de região
Área Metropolitana de Lisboa	Região-fronteira
Norte	Região de convergência
Centro	Região de convergência
Alentejo	Região de convergência
Algarve	Região de convergência
R.A. dos Açores	Região de convergência
R.A. da Madeira	Região de convergência

Figura 1 – Índice de produtividade do trabalho (VAB avaliado a preços constantes, PPC constante /emprego) em 2017 (Portugal=100; Fonte: OCDE)

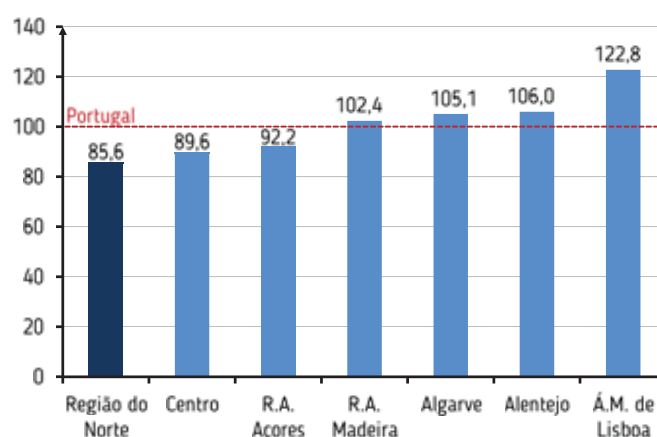
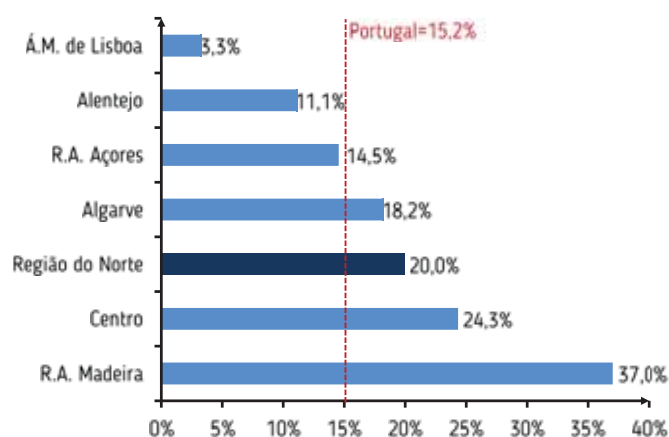


Figura 2 – Crescimento da produtividade do trabalho (VAB avaliado a preços constantes, PPC constante/emprego) entre 2000 e 2017 (taxa de variação acumulada (%), Fonte: OCDE)



A aplicação da classificação da OCDE às diferentes regiões da União Europeia conduz à constatação de que, na grande maioria dos casos, as capitais estão localizadas nas regiões fronteira (15 dos 20 países em estudo, cf. Quadro 2). A Croácia, a

Holanda, a Alemanha, a Espanha e a Itália são os 5 casos em que tal não acontece. Dentro dos países, emergem outras categorias de regiões, nomeadamente, as regiões de convergência, as regiões *keeping-pace* e as regiões de divergência. Em todos estes casos o nível de produtividade do trabalho é inferior ao da região fronteira, mas o ritmo de crescimento de produtividade relativamente a esta região é diferenciado.

Na União Europeia é possível observar-se uma elevada heterogeneidade quanto à relevância de cada uma destas categorias de regiões. Um padrão pouco comum, verificado em Portugal, na Áustria, na Roménia e na Eslovénia, é o da existência de apenas regiões de convergência (para além da região fronteira). No caso nacional, a convergência observada em todas as NUTS II deve-se, em parte, ao baixo crescimento da produtividade do trabalho da região fronteira (3,3%), em resultado de uma mudança estrutural pouco favorável ao crescimento económico e de um aumento muito reduzido da produtividade intrasetorial. Alemanha, Hungria e Holanda registam também uma maioria de regiões de convergência (cf. Figura 3).

Em alguns países da União Europeia, a maioria das regiões é do tipo *keeping-pace*, pelo que a evolução da produtividade do trabalho não é muito diferente da observada na região fronteira. Estão neste grupo a Bélgica, a Dinamarca, a Finlândia, a Grécia, a Itália, a Espanha e a Croácia. Como se pode verificar da leitura da Figura 4, não existe propriamente um padrão geográfico nesta caracterização, agrupando-se na mesma categoria países Nórdicos, países Latinos e Mediterrânicos.

As regiões divergência predominam na República Checa, na República Eslovaca, na Suécia, na Bulgária e, destacadamente, no Reino Unido. Neste grupo, verifica-se que todas as regiões-fronteira são regiões que incluem a capital, estando a maioria dos países localizados no Leste Europeu. São também dominantes neste grupo as situações em que vigora a opção de fomento de uma grande metrópole como modelo de desenvolvimento. A aplicação de um modelo de organização do território como o do Reino Unido, que consiste no desenvolvimento da região de Grande Londres, teve como efeito a divergência de quase todas as regiões do Reino Unido (cf. Figura 5).

Figura 3 - Países da União Europeia com a maioria das regiões de convergência (fonte: OCDE)

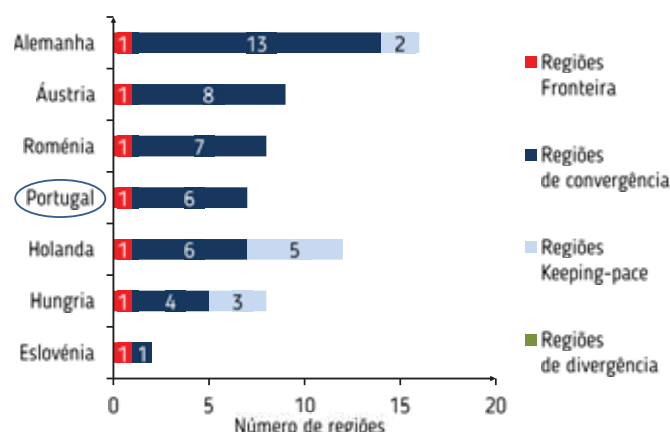


Figura 4 - Países da União Europeia com a maioria das regiões *keeping-pace* (fonte: OCDE)

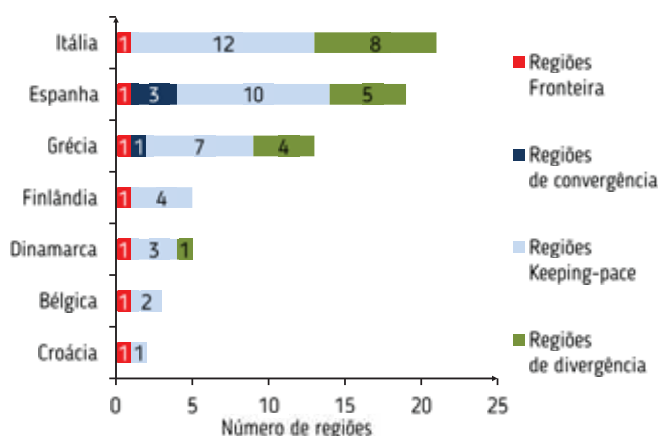
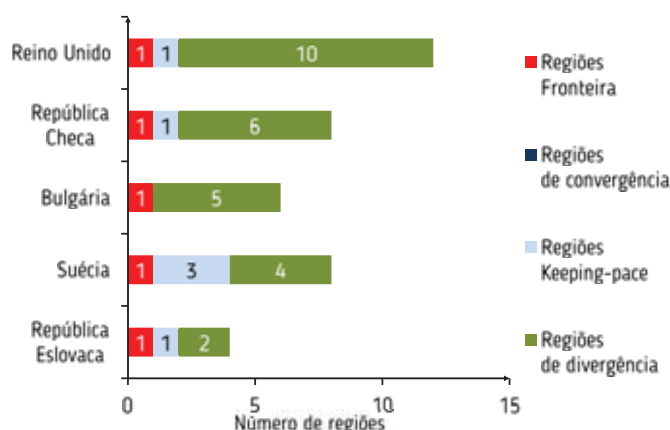


Figura 5 - Países da União Europeia com a maioria das regiões de divergência (fonte: OCDE)



Quadro 2 - Regiões-fronteira e restantes regiões de acordo com a classificação da OCDE, por países

Países		Região Fronteira			Outras Regiões			Total de Regiões
	Crescimento da produtividade do trabalho (2000-2017)	NUTS II	Crescimento da produtividade do trabalho (2000-2017)	Região Capital?	N.º Regiões de Convergência	N.º Regiões Keeping-pace	N.º Regiões de Divergência	
Roménia	143,0%	Bucharest - Ilfov	86,6%	Sim	7	0	0	8
Irlanda	73,1%	Eastern and Midland	47,4%	Sim	1	0	1	3
Bulgária	67,9%	Sudoeste	81,6%	Sim	0	0	5	6
República Eslovaca	66,6%	Região da Bratislava	72,1%	Sim	0	1	2	4
República Checa	46,1%	Praga	52,8%	Sim	0	1	6	8
Eslovénia	36,6%	Eslovénia Ocidental	28,9%	Sim	1	0	0	2
Hungria	35,3%	Budapeste	29,3%	Sim	4	3	0	8
Croácia	28,4%	Croácia Adriática	27,5%	Não	0	1	0	2
Suécia	23,3%	Estocolmo	25,9%	Sim	0	3	4	8
Holanda	15,4%	Groningen	9,3%	Não	6	5	0	12
Portugal	15,2%	Área Metropolitana de Lisboa	3,3%	Sim	6	0	0	7
Reino Unido	14,7%	Grande Londres	26,1%	Sim	0	1	10	12
Alemanha	13,4%	Hamburgo	3,3%	Não	13	2	0	16
Espanha	12,4%	País Basco	13,8%	Não	3	10	5	19
Dinamarca	12,4%	Região da Capital	16,2%	Sim	0	3	1	5
Bélgica	11,7%	Bruxelas Região da Capital	10,0%	Sim	0	2	0	3
Áustria	10,5%	Viena	2,7%	Sim	8	0	0	9
Finlândia	9,8%	Helsínquia-Uusimaa	8,8%	Sim	0	4	0	5
Grécia	2,7%	Ática	3,0%	Sim	1	7	4	13
Itália	-5,1%	Lombardia	-1,8%	Não	0	12	8	21
Total					50	55	46	171

Fonte: OCDE

Nota: Nesta análise excluem-se os países da União Europeia que possuem apenas uma região NUTS II e ainda os que não dispõem de informação estatística para todos os anos da série temporal em análise. Em resultado destas exclusões, a base de dados final contempla um total de 20 países.

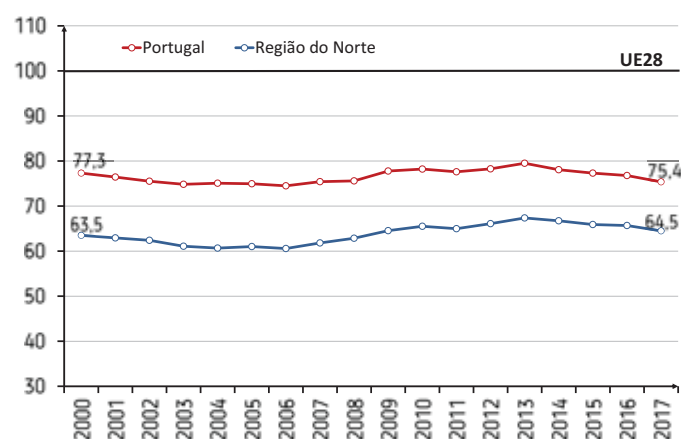
2. A produtividade do trabalho

2.1. Comparação entre países

Em 2017, a produtividade do trabalho da Região do Norte, a preços constantes, era equivalente a 64,5% da média da União Europeia, apenas um p.p. acima do valor observado em 2000.

Ao nível nacional, a evolução não foi muito diferente da observada na Região do Norte, muito embora tenha ocorrido uma ligeira divergência. Em 2017, a produtividade do trabalho de Portugal, em percentagem do valor observado na União Europeia, era de 75,4%, um valor ligeiramente inferior ao de 2000 (77,3%).

Figura 6 - Índice de produtividade do trabalho (VAB avaliado a preços constantes, p.p.c constante/emprego) (UE28=100, fonte: OCDE)



Em 2017, apenas 7 países tinham um nível de produtividade do trabalho inferior ao de Portugal e apenas dois registaram um nível inferior ao da Região do Norte, nomeadamente, a Croácia e a Bulgária (cf. Figura 7). Quanto aos restantes países, é possível identificar dois grupos:

- i) Um primeiro grupo composto por países localizados no Mediterrâneo e no Leste Europeu, apresentando um nível de produtividade do trabalho não muito diferente do nacional e apenas moderadamente superior ao da Região do Norte. Alguns destes países têm uma dimensão populacional inferior a esta região (Chipre, Estónia, Letónia, Eslovénia e Lituânia), enquanto outros, como a Polónia e a Roménia, ultrapassam-na claramente.
- ii) O segundo grupo é formado por países com uma produtividade do trabalho significativamente superior ao país (e à região), todos eles pertencentes à denominada Europa dos 15 (EU-15).

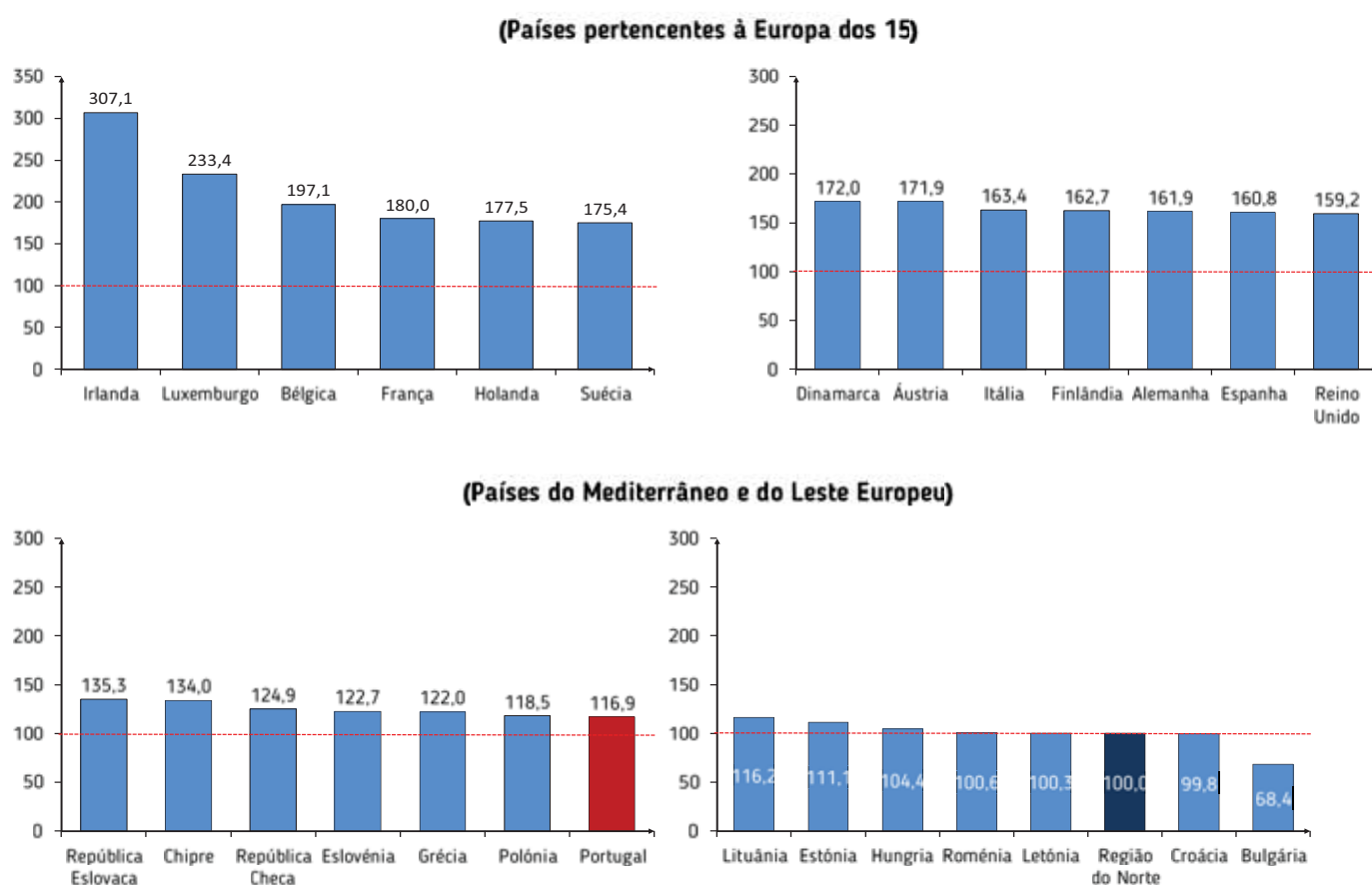
Enquanto o grupo da EU-15 é composto, sobretudo, por países de destino das exportações da Região do Norte, o primeiro grupo é formado por países que concorrem com a região em

setores-chave. Os países do Mediterrâneo apresentam fortes vantagens competitivas no setor do turismo, enquanto os países do Leste Europeu, em particular a Polónia, são importantes concorrentes no setor industrial.

No quadro de concorrência internacional, a afirmação da Região do Norte nestes setores-chave esteve condicionada, em parte, pelo ritmo de crescimento da produtividade do trabalho desses países e pela forma como esse crescimento determinou o preço dos bens e serviços nos mercados internacionais.

Em termos prospetivos, num cenário em que os países do Leste Europeu continuarão a registar um forte crescimento da produtividade do trabalho por via de ganhos de escala associados à integração no espaço europeu (captação de investimento de grande dimensão, abertura dos mercados internacionais às suas exportações, reforço da especialização económica), a corrida pela competitividade da Região do Norte terá que procurar apostar, necessariamente, em fatores competitivos adicionais, designadamente, a diferenciação do produto, a aposta em mercados menos sensíveis às oscilações dos preços internacionais e o maior alinhamento com a tendência global de segmentação dos mercados e dos produtos.

Figura 7 - Produtividade do trabalho (VAB a preços constantes, a p.p.c constantes /emprego) dos países da União Europeia em 2017 (Região do Norte=100, fonte: OCDE)



2.2. Comparação entre regiões

A comparação do nível de produtividade do trabalho da Região do Norte com o valor observado nas diferentes tipologias de regiões da União Europeia no período em análise evidencia as seguintes tendências:

- (i) Estagnação da Região do Norte relativamente às regiões-fronteira;
- (ii) Ligeira convergência da Região do Norte relativamente às regiões de divergência e regiões *keeping-pace*;
- (iii) Ligeira divergência da Região do Norte relativamente às regiões mais industrializadas e as regiões de convergência.

O primeiro resultado revela a incapacidade da Região do Norte em convergir com as regiões fronteira da União Europeia em matéria de produtividade do trabalho, mesmo partindo de um nível significativamente inferior em 2000. Neste anc, o valor da produtividade do trabalho da Região do Norte era de cerca de metade (52,5%) do valor médio observado pelas regiões fronteira. Decorridos 17 anos, o nível relativo deste indicador aumentou apenas para 53,3%, que aponta para uma situação de relativa estagnação.

O segundo resultado, de ligeira convergência com as regiões *keeping-pace* e regiões de divergência, decorre sobretudo do menor ritmo de crescimento observado nestas regiões. Em função desta evoluçã, a produtividade do trabalho da Região do Norte aumentou de 65,9% para 72,1% entre 2000 e 2017 relativamente às regiões de divergência, crescendo de 57,9% para 63,3% face às regiões *keeping-pace*.

O terceiro resultado revela o distanciamento da Região do Norte face às regiões, à partida, mais próximas: as regiões industrializadas e as regiões de convergência. Em 2000, a produtividade do trabalho da Região do Norte representava 67,8% do valor médio das regiões mais industrializadas. Em 2017 o valor tinha baixado 2,2 p.p., passando para 65,6%.

A maior divergência da Região do Norte ocorreu, no entanto, relativamente ao grupo das regiões de convergência. Em 2000, a produtividade do trabalho da Região do Norte representava 71,4% do valor médio destas regiões, enquanto em 2017 era apenas 66,8%. Para esta divergência contribuíram decisivamente as regiões localizadas no Leste Europeu incluídas nesta categoria, que registaram em 8 casos crescimentos da produtividade do trabalho superiores a 100%. Considerando unicamente as regiões de convergência localizadas na EU-15 (38 no total), a situação seria de relativa estagnação.

Figura 8 - Estagnação e Convergência da Região do Norte
(produtividade de trabalho da Região do Norte face à produtividade do trabalho de cada grupo de regiões; Cada grupo de regiões=100; Fonte: OCDE)

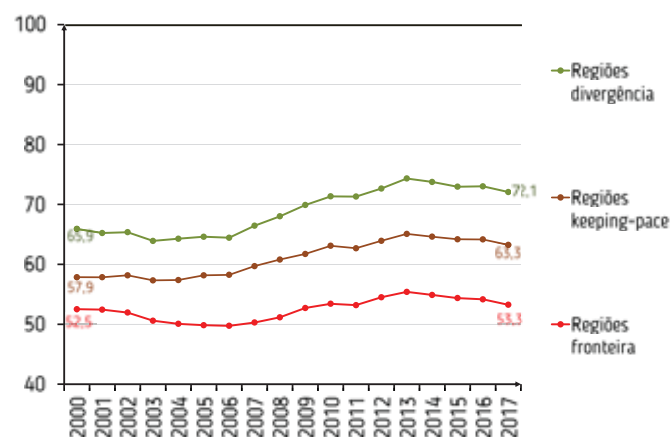
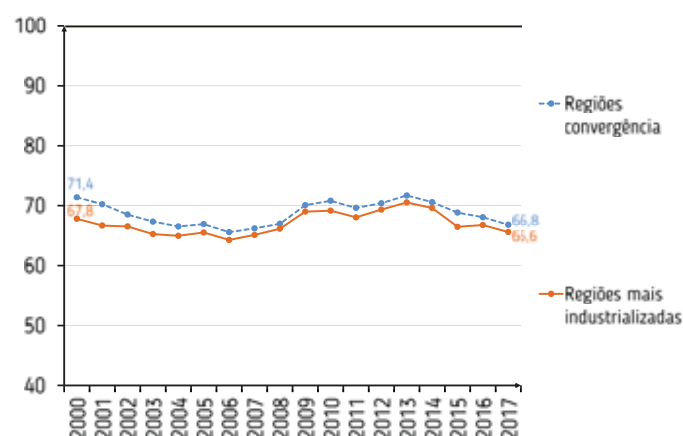


Figura 9 - Divergência da Região do Norte
(produtividade de trabalho da Região do Norte face à produtividade do trabalho de cada grupo de regiões; cada grupo de regiões=100, Fonte: OCDE)



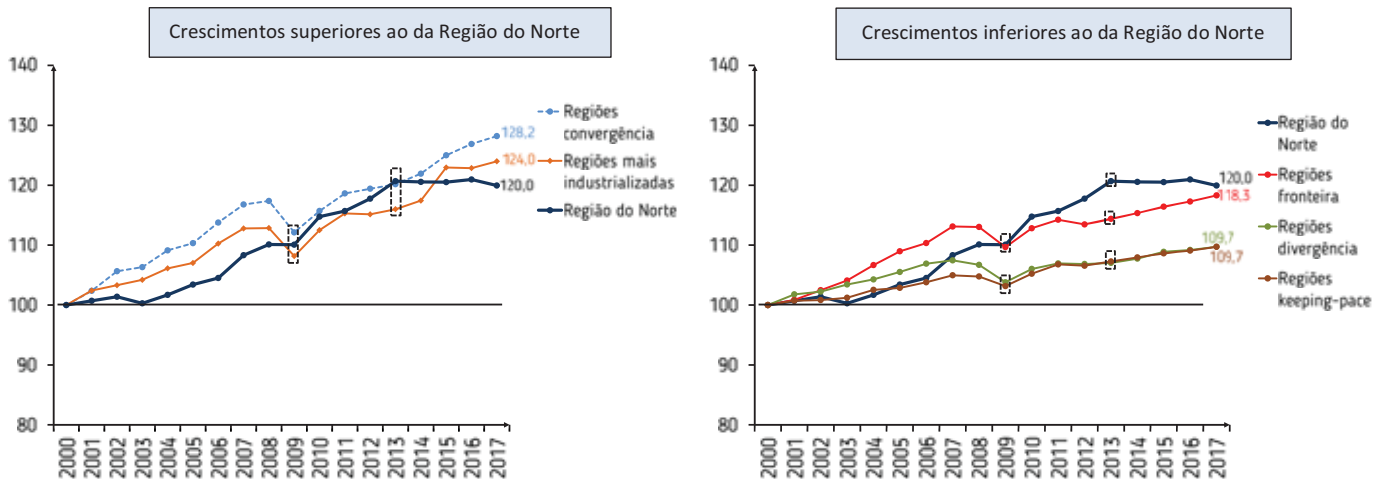
O crescimento da produtividade do trabalho da Região do Norte de 20% entre 2000 e 2017 foi inferior ao observado nas regiões de convergência e nas regiões mais industrializadas da União Europeia (aumentos de 28,2% e 24,0%, respetivamente), ficando ligeiramente acima do das regiões fronteira (18,3%), e bastante acima do valor observado nas regiões *keeping-pace* e de divergência (em ambos os casos, 9,7%).

Este crescimento não foi constante ao longo do tempo, no entanto, observando-se duas fases distintas. Numa primeira fase, entre 2000 e 2013, a Região do Norte registou um crescimento da produtividade do trabalho na maioria dos anos, ainda que sob a influência de contextos macroeconómicos distintos (crescimento económico reduzido até 2008, recessão entre 2008 e 2013), acompanhando a generalidade das regiões da União Europeia.

Na segunda fase, entre 2013 e 2017, o nível de produtividade do trabalho da Região do Norte pouco se alterou, enquanto as

outras regiões, em termos médios, mantiveram a dinâmica de crescimento anterior.

Figura 10 - Crescimento da produtividade do trabalho da Região do Norte em comparação com as categorias de regiões entre 2000 e 2017 (2000=100, fonte: OCDE)



Na maioria dos países da União Europeia foram as regiões fronteira as que mais contribuíram para o crescimento da produtividade do trabalho entre 2000 e 2017 (cf. Figura 12). Porém, em Portugal, não foi esse o caso. Mais precisamente, a região com o menor nível de produtividade - a Região do Norte - foi a NUTS II que deu o maior contributo (5,26 p.p.) para o crescimento da produtividade do trabalho do país (15,2%) (cf. Figura 11). Esta circunstância é única à escala da União Europeia. Sendo certo que noutros países, como a Áustria, Holanda e Irlanda, os motores do crescimento da produtividade do trabalho foram também regiões de convergência, a verdade é que em nenhum destes casos se tratou das regiões mais atrasadas dos respetivos países.

Como se pode ver a partir do Quadro 3, o nível de produtividade de trabalho da Região do Norte representava 60% do observado na região fronteira de Portugal em 2000, um valor significativamente inferior ao verificado, por analogia, entre a Região da Baviera e a região fronteira da Alemanha (74,7%), ou entre a Região Flamenga e a região fronteira da Bélgica (81,5%). Também são visíveis situações em que os níveis de produtividade do trabalho são praticamente idênticos entre as regiões motoras do crescimento da produtividade do trabalho e as regiões- fronteira, nomeadamente na Espanha e na Croácia.

Figura 11 - Contributos (p.p.) de cada NUTS II para o crescimento da produtividade do trabalho em Portugal entre 2000 e 2017 (fonte: OCDE)

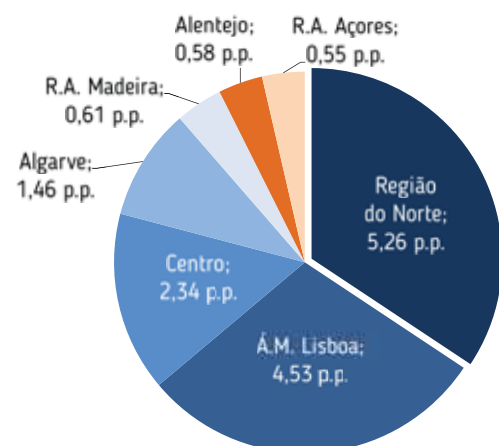
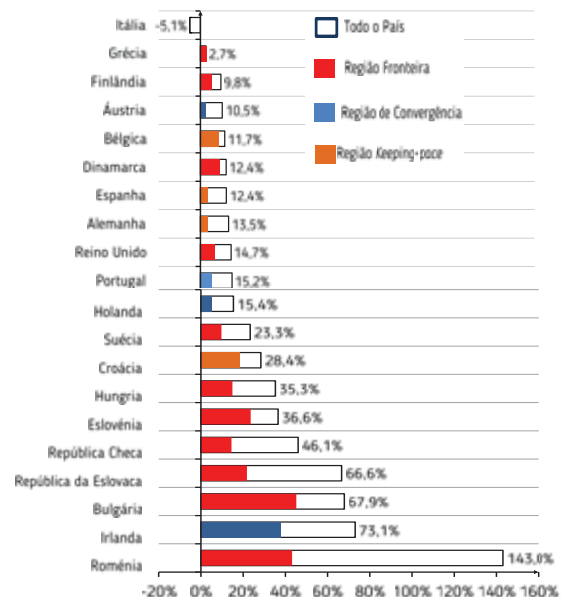


Figura 12 - Categorias de regiões que mais contribuíram para o crescimento da produtividade do trabalho dos respetivos países entre 2000 e 2017 (fonte: OCDE)



Quadro 3 – Contributos regionais para o crescimento da produtividade do trabalho do países da União Europeia entre 2000 e 2017 (p.p.)

Países		Região com o maior contributo (p.p) para o crescimento da produtividade do trabalho entre 2000 e 2017			
	Crescimento da produtividade do trabalho (2000-2017)	Nome da região	Categoria de região	Contributo (p.p)	Nível de produtividade do trabalho desta região face ao da região fronteira (ano de 2000)
Roménia	143,0%	Bucharest - Ilfov	Fronteira	43,2 p.p.	100,0%
Irlanda	73,1%	Southern	Convergência	37,6 p.p.	88,0%
Bulgária	67,9%	Sudoeste	Fronteira	45,1 p.p.	100,0%
República da Eslovaca	66,6%	Região da Bratislava	Fronteira	21,8 p.p.	100,0%
República Checa	46,1%	Praga	Fronteira	14,4 p.p.	100,0%
Eslovénia	36,6%	Eslovénia Ocidental	Fronteira	23,6 p.p.	100,0%
Hungria	35,3%	Budapeste	Fronteira	14,9 p.p.	100,0%
Croácia	28,4%	Continental Croácia	Keeping-pace	18,3 p.p.	99,1%
Suécia	23,3%	Estocolmo	Fronteira	9,7 p.p.	100,0%
Holanda	15,4%	Norte de Holanda	Convergência	5,2 p.p.	103,4%
Portugal	15,2%	Região do Norte	Convergência	5,3 p.p.	60,0%
Reino Unido	14,7%	Grande Londres	Fronteira	7 p.p.	100,0%
Alemanha	13,5%	Baviera	Convergência	3,8 p.p.	74,7%
Espanha	12,4%	Madrid	Keeping-pace	3,5 p.p.	100,5%
Dinamarca	12,4%	Capital	Fronteira	9,2 p.p.	100,0%
Bélgica	11,7%	Região Flamengo	Keeping-pace	9 p.p.	81,5%
Áustria	10,5%	Upper Austria	Convergência	2,4 p.p.	81,5%
Finlândia	9,8%	Helsínquia-Uusimaa	Fronteira	5,7 p.p.	100,0%
Grécia	2,7%	Ática	Fronteira	3,2 p.p.	100,0%
Itália	-5,1%	Lombardia	Fronteira	0,2 p.p.	100,0%

Fonte: OCDE

2.3. Assimetrias de produtividade no interior de cada país

Apesar da forte vocação industrial, o nível de produtividade do trabalho da Região do Norte tem-se mantido abaixo dos valores médios observados no país e na sua região fronteira. Em 2017, a produtividade do trabalho na Região do Norte era 14,4% inferior à média nacional e 30,3% inferior à Área Metropolitana de Lisboa.

A distância entre a região mais industrializada de Portugal e a sua região fronteira é, de resto, uma das maiores no quadro da União Europeia. Apenas em alguns países do Leste Europeu e no Reino Unido a diferença é superior. Na Irlanda, a região mais industrializada conseguiu, inclusive, ultrapassar o nível de produtividade da região fronteira, e na Áustria, Espanha e Itália, países com dimensão industrial significativa, as diferenças entre as duas regiões eram das mais reduzidas da União Europeia.

Também a distância entre a produtividade do trabalho da Região do Norte e a média nacional é das maiores no contexto

européu. Apenas as regiões mais industrializadas da Bulgária e do Reino Unido assumem um maior diferencial no contexto dos seus países. Numa lógica oposta, algumas das regiões mais industrializadas observam um nível de produtividade do trabalho superior à média do respetivo país. Entre estas, destacam-se as regiões localizadas na Áustria, Espanha, Itália e Alemanha, regiões em que a percentagem do emprego nas indústrias transformadoras é muito próxima da registada na Região do Norte.

A asserção de que a produtividade do trabalho nas regiões mais industrializadas é maior nos países em que a região fronteira apresenta uma produtividade significativamente acima da média do país não é confirmada pela evidência disponível. Pelo contrário, as regiões mais industrializadas com um maior nível de produtividade do trabalho localizam-se maioritariamente em países com menor assimetria entre a região fronteira e a região mais industrializada. Os casos da Irlanda, Áustria, Espanha, Itália e Holanda são claramente ilustrativos (cf. Figuras 13 e 14).

Figura 13 - Assimetrias na produtividade do trabalho (VAB a preços constantes, a p.p.c constantes /emprego) em 2017 (produtividade do trabalho de cada país=100, fonte: OCDE)

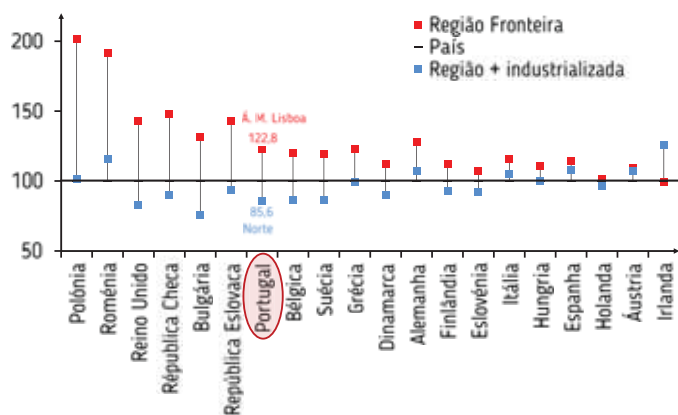
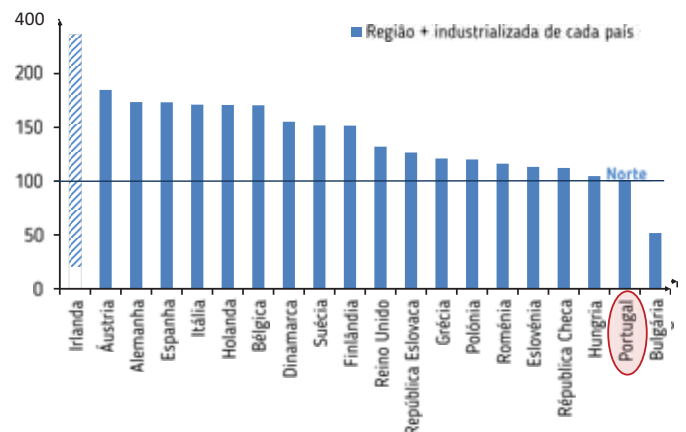


Figura 14 - Produtividade do trabalho (VAB a preços constantes, a PPC constantes /emprego) das regiões mais industrializadas de cada país em 2017 (Região do Norte=100, fonte: OCDE)



2.4. Dinâmicas de crescimento: comparação entre regiões mais industrializadas

Em 2000, as regiões mais industrializadas dos países da EU-15 possuíam um nível de produtividade significativamente acima do da Região do Norte (Figura 15). A produtividade do trabalho da região mais industrializada do Reino Unido era 42,8% superior ao da Região do Norte, a de Espanha superior em 75,1% e a de Itália em 118%. Abaixo da Região do Norte encontravam-se unicamente as regiões mais industrializadas dos países do Leste Europeu.

Entre 2000 e 2017 o posicionamento no *ranking* das regiões agravou-se. Não só não foi possível assegurar um movimento de convergência com as regiões mais industrializadas dos países mais desenvolvidos da União Europeia, como no final deste período, o valor da produtividade do trabalho da Região do Norte tinha sido ultrapassado pela grande maioria das regiões mais industrializadas da Europa de Leste.

A descida no *ranking* de produtividade do trabalho entre as regiões mais industrializadas da União Europeia decorreu em grande medida do forte impulso observado nas economias do Leste Europeu (cf. Figura 17). As regiões mais industrializadas da Hungria, República Eslovaca, Polónia e Roménia registaram crescimentos de 37,7, 57,2, 72,3 e 150,8%, respetivamente, muito acima do valor observado na Região do Norte. O crescimento da produtividade nesta região entre 2000 e 2017 (20%) apenas foi ligeiramente superior ao observado nas regiões mais industrializadas dos países da EU-15, como a Espanha (18,7%), Alemanha (14,6%) ou a Áustria (13,2%). Assim, o crescimento da produtividade do trabalho da Região do Norte ficou manifestamente abaixo do que o que seria espetável tendo em conta o reduzido nível de produtividade observado em 2000.

Figura 15 - Produtividade do trabalho (VAB a preços constantes, a PPC constantes /emprego) das regiões mais industrializadas de cada país em 2000 (Região do Norte=100, fonte: OCDE)

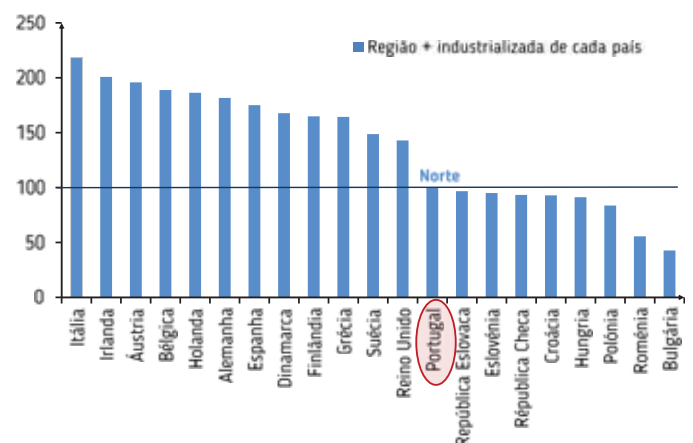


Figura 16 - Produtividade do trabalho (VAB a preços constantes, a PPC constantes /emprego) das regiões mais industrializadas de cada país em 2017 (Região do Norte=100, fonte: OCDE)

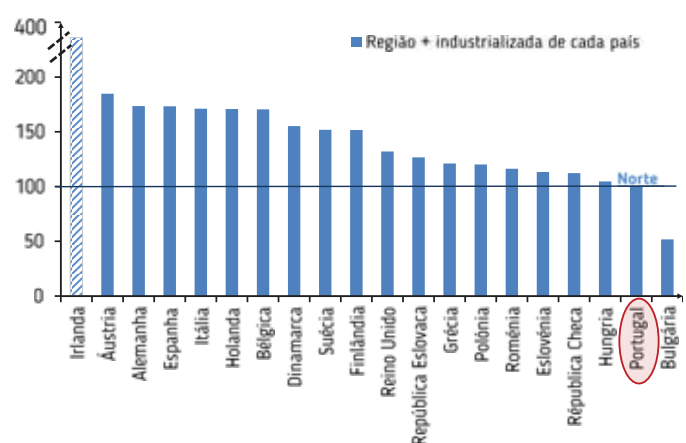
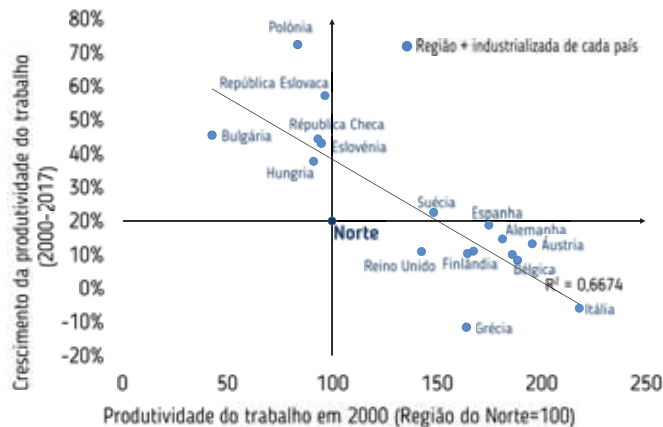


Figura 17 - Relação entre o nível de produtividade do trabalho em 2000 e a taxa de crescimento da produtividade do trabalho entre 2000 e 2017 nas regiões mais industrializadas de cada país



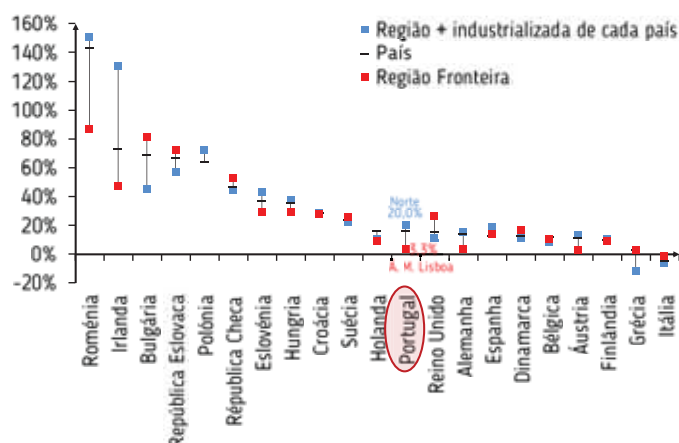
(Nota: foram excluídos do gráfico os crescimentos da produtividade observados na região mais industrializada da Irlanda (+130,7%) e da Roménia (150,8%)

2.5. Assimetrias regionais e o crescimento da produtividade do trabalho dos países da União Europeia

Entre os 20 países em estudo, em 11 casos, incluindo Portugal, a região mais industrializada registou um crescimento da produtividade do trabalho superior ao da região fronteira e ao do país como um todo, ocorrendo o oposto em 8 casos, com a região fronteira a destacar-se no contexto interno dos respetivos países (cf. Figura 18). Entre os países que obtiveram um crescimento da produtividade do trabalho muito próximo ao de Portugal entre 2000 e 2017, observam-se situações muito diversas. Em Portugal, a região mais industrializada cresceu significativamente acima da região fronteira, enquanto no Reino Unido observou-se a evolução oposta. Na Holanda, as duas tipologias de regiões cresceram menos do que a média do país.

Figura 18 - Assimetrias no crescimento da produtividade do trabalho (VAB a preços constantes, a PPC constantes /emprego) entre 2000 e 2017

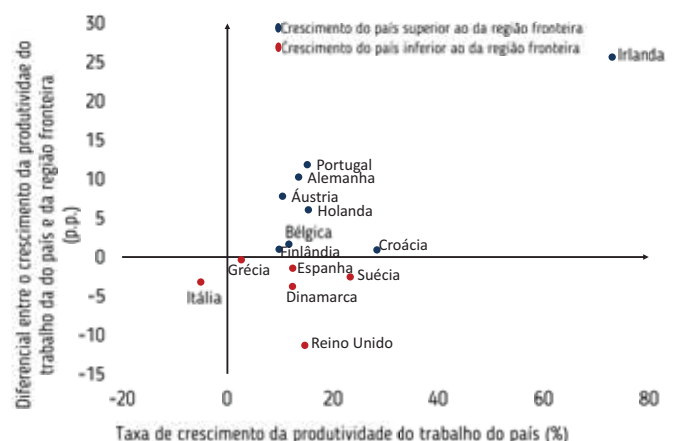
(taxa de crescimento acumulado da produtividade do trabalho, fonte: OCDE)



Do ponto de vista político, se há quem entenda que regiões fronteira devem concentrar mais recursos, promovendo-se o crescimento da produtividade do trabalho de modo a impulsionar competitividade do país (Puga, 2012), existe também a conceção de que a coesão territorial promove um maior crescimento da economia, porque este crescimento tem origem no aproveitamento dos recursos e dos ativos das regiões menos desenvolvidas (Cerina e Mureddu, 2014). A análise das dinâmicas de crescimento não sugere a existência de uma relação positiva entre o crescimento da produtividade do trabalho e a disparidade entre a região fronteira e o resto do país. Nos Estado-Membros que se destacaram com um aumento da produtividade do trabalho superior ao de Portugal (10 no total), em 4 casos a região fronteira registou um crescimento superior à média do país, enquanto nos outros 6 verificou-se o contrário. Nestes 6 casos, nomeadamente, na Roménia, Irlanda, Eslovénia, Hungria, Croácia e Holanda foi possível conjugar um crescimento significativo da produtividade do trabalho (superior ao de Portugal) com uma maior convergência interna. Neste contexto, a hipótese segundo a qual a debilidade do crescimento em Portugal resulta da aposta na convergência interna, e de que o aumento das disparidades internas constitui uma inevitabilidade nas trajetórias de crescimento parece não colher evidência.

Resultado idêntico ocorre quando se considera o conjunto de países da EU-15. Como se pode ver na Figura 19, países como a Espanha, Dinamarca, Reino Unido e Suécia, que registaram um aumento da disparidade relativamente à região fronteira, tiveram crescimentos similares ao observado em Portugal, Alemanha, Holanda, Áustria, Bélgica e Finlândia, países em que, pelo contrário, houve uma convergência da produtividade do país com a da região fronteira.

Figura 19 - Relação entre o crescimento da produtividade do trabalho dos Estados-Membros (excluindo países do Leste Europeu) e as assimetrias regionais entre 2000 e 2017



3. O emprego

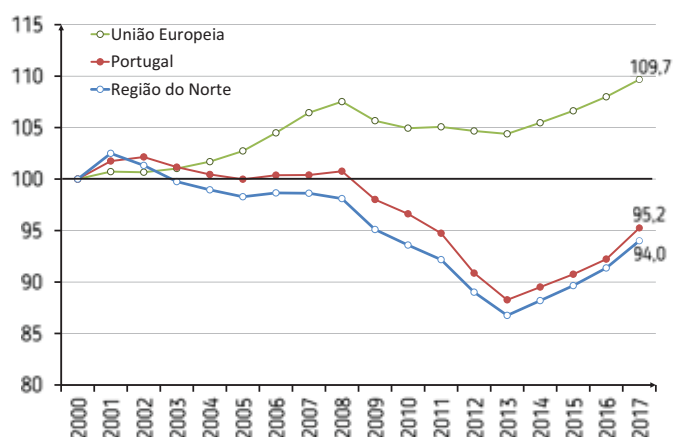
3.1. O crescimento do emprego na Região do Norte no quadro europeu

Entre 2000 e 2017 ocorreu uma quebra no emprego da Região do Norte (-6,0%), em linha com a evolução do país (-4,8%), mas que esteve claramente em contraciclo com a União Europeia (9,7%) e com a maioria dos seus países.

Entre 2002 e 2013, a Região do Norte observou uma longa trajetória de redução do emprego, por força de um conjunto de choques externos assimétricos que tornaram visíveis as suas debilidades estruturais no quadro europeu. A adesão de Portugal ao Euro em 1999, a liberalização crescente do comércio internacional com a adesão da China à Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001, o alargamento da União Europeia a Leste em 2004, a liberalização total do comércio internacional dos têxteis em 2005 e sobretudo a crise do *subprime* em 2007/2008, tiveram efeitos significativos sobre o emprego da Região do Norte até ao ano de 2013.

Pelo contrário, na União Europeia apenas a crise internacional de 2008 interrompeu a trajetória de crescimento do emprego que vinha sendo observada desde 2000. Mesmo nesta altura (2008-2013) a redução do emprego foi significativamente inferior, em termos relativos, à da Região do Norte, o que mostra a menor resiliência desta região numa conjuntura de crise. No período mais recente, entre 2013 e 2017, a recuperação do emprego na Região deveu-se em grande medida às indústrias transformadoras.

Figura 20 - Crescimento do emprego entre 2000 e 2017 (2000=100; fonte: OCDE)



Também ao nível regional a redução do emprego observada pela Região do Norte entre 2000 e 2017 esteve em contraciclo com o crescimento observado em todas as tipologias de regiões consideradas. As regiões-fronteira registaram o maior aumento de emprego (17,3%), valor significativamente acima da média da União Europeia (9,7%). As regiões de divergência registaram

o segundo maior crescimento (13,0%), sendo seguidas pelas regiões *keeping-pace* (10,9%), as regiões mais industrializadas (8,9%) e as regiões de convergência (3,3%).

Quadro 4 - Taxas de crescimento do emprego entre as categorias de regiões da União Europeia, por ciclos económicos (valores acumulados)

Categorias de regiões	2000-2008	2008-2013	2013-2017	2000-2017
Regiões de convergência	0,2%	-1,1%	4,2%	3,3%
Regiões fronteira	11,8%	-2,4%	7,5%	17,3%
Regiões em divergência	9,7%	-2,5%	5,7%	13,0%
Regiões em <i>keeping-pace</i>	13,0%	-7,0%	5,6%	10,9%
Regiões mais industrializadas	5,5%	-2,6%	5,9%	8,9%
UE28	7,5%	-2,9%	5,1%	9,7%
Região do Norte	-1,9%	-11,6%	8,4%	-6,0%
Portugal	0,8%	-12,4%	7,9%	-4,8%

Fonte: OCDE

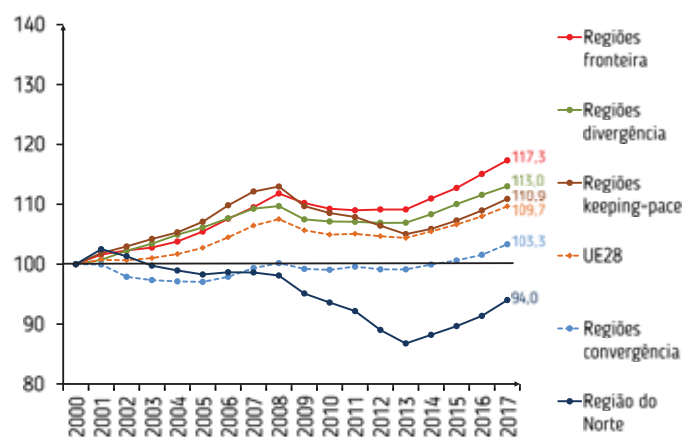
O ritmo a que ocorreu o crescimento do emprego foi variável ao longo do tempo, sendo visíveis três fases distintas: de 2000 a 2008; de 2008 a 2013 e de 2013 a 2017. Na primeira fase, a Região do Norte sofreu uma redução de 1,9% do emprego, enquanto as diversas categorias de regiões registaram, em termos médios, um aumento. Nesta fase os maiores crescimentos ocorreram nas regiões *keeping-pace* (13,0%) e nas regiões fronteira (11,8%), com valores acima da média da União Europeia (7,5%). No grupo das regiões mais industrializadas verificou-se um crescimento do emprego de 5,5%, e apenas as regiões de convergência registaram uma evolução mais próxima da da Região do Norte, com um aumento do emprego de 0,2%. Em Portugal o crescimento foi de 0,8%.

A menor resiliência da região do Norte em contexto de crise no quadro europeu fica patente na evolução do emprego entre 2008 e 2013. Nesta fase, o emprego da Região do Norte baixou 11,6%, uma queda bastante mais acentuada do que a observada nas regiões de convergência (-1,1%) e nas regiões mais industrializadas (-2,6%). A crise económica de 2008 e 2013 teve impacto similar entre as regiões com maior preponderância do emprego em estruturas manufatureiras e as regiões fronteira, especializadas na prestação de serviços intensivos em conhecimento, que viram o emprego baixar 2,4%. Em Portugal a queda do emprego de 12,4% foi mais acentuada do que a observada na Região do Norte.

Na última fase, entre 2013 e 2017, o emprego da Região do Norte aumentou em 8,4%, crescimento superior ao observado em termos médios em Portugal (7,9%) e em todas as tipologias de regiões: regiões-fronteira (7,5%), regiões mais industrializadas (5,9%) e regiões de convergência (4,2%). Como mencionado anteriormente, o motor do crescimento do emprego nesta fase foram as indústrias transformadoras, o que releva o

papel importante que este setor tem na atividade econômica da região.

Figura 21 - Crescimento do emprego entre 2000 e 2017 nas categorias de regiões da União Europeia (2000=100; fonte: OCDE)

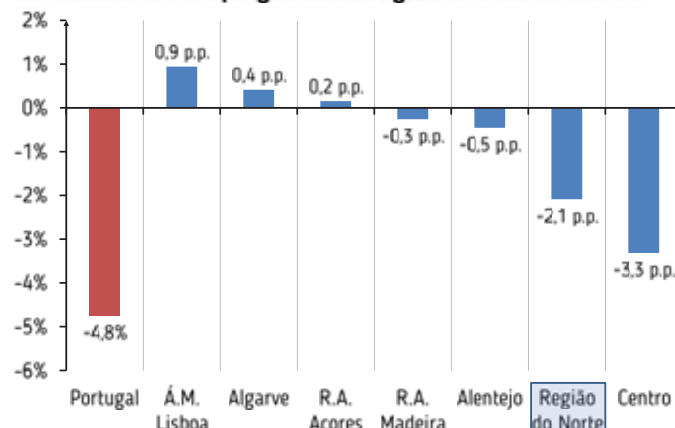


3.2. Contributos das diferentes categorias de regiões para o crescimento do emprego

Tal como observado na produtividade do trabalho, as regiões fronteira foram as que mais contribuíram para o crescimento do emprego na maioria dos países da União Europeia entre 2000 e 2017, em resultado, sobretudo, da sua maior dimensão.

Em Portugal, a região fronteira esteve em linha com o padrão europeu, ao contribuir positivamente com 0,9 p.p. para uma evolução, ainda assim, negativa do emprego nacional (-4,8%) entre 2000 e 2017. A dinâmica de emprego em Portugal foi determinada sobretudo pelos contributos negativos das Região do Norte (-2,1 p.p.) e do Centro (-3,3 p.p.), as regiões mais industrializadas de Portugal.

Figura 22 - Contributos (p.p.) de cada NUTS II para o crescimento do emprego em Portugal entre 2000 e 2017



Quadro 5 - Contributos (p.p.) para o crescimento do emprego de cada país da União Europeia entre 2000 e 2017

Países	Crescimento do emprego (2000-2017)	Região com o maior contributo (p.p) para o crescimento do emprego do país entre 2000 e 2017			
		Nome da região	Contributo (p.p)	Categoria de região	Nível de emprego desta região face ao da região fronteira (ano de 2000)
Irlanda	26,0%	Southern	17,6 p.p.	Fronteira	100,0%
Áustria	17,6%	Viena	4,3 p.p.	Fronteira	100,0%
República Eslovaca	17,2%	Eslováquia Ocidental	5,9 p.p.	Divergência	177,0%
Espanha	16,9%	Madrid	4,4 p.p.	Keeping-pace	282,3%
Reino Unido	16,6%	Grande Londres	3,8 p.p.	Fronteira	100,0%
Suécia	16,5%	Estocolmo	5,9 p.p.	Fronteira	100,0%
Bélgica	15,0%	Região Flamenga	9,7 p.p.	Keeping-pace	367,1%
Alemanha	10,9%	Baviera	2,7 p.p.	Convergência	614,4%
Holanda	10,8%	Norte de Holanda	2,5 p.p.	Convergência	525,6%
Finlândia	10,7%	Helsínquia-Uusimaa	5,7 p.p.	Fronteira	100,0%
República Checa	10,0%	Praga	2,9 p.p.	Fronteira	100,0%
Itália	9,1%	Lombardia	2,3 p.p.	Fronteira	100,0%
Bulgária	8,8%	Sudoeste	10,6 p.p.	Fronteira	100,0%
Eslovénia	8,0%	Eslovénia Ocidental	9,8 p.p.	Fronteira	100,0%
Hungria	7,1%	Budapeste	5,5 p.p.	Fronteira	100,0%
Dinamarca	5,9%	Capital	4,8 p.p.	Fronteira	100,0%
Croácia	2,2%	Croácia Adriática	1,9 p.p.	Fronteira	100,0%
Grécia	-3,9%	Egeu do Sul	0,5 p.p.	Divergência	7,7%
Portugal	-4,8%	Área Metropolitana de Lisboa	0,9 p.p.	Fronteira	100,0%
Roménia	-19,5%	Bucharest - Ilfov	2,4 p.p.	Fronteira	100,0%

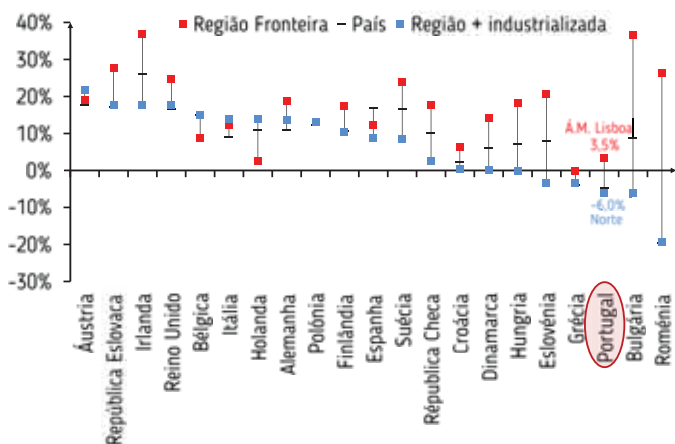
Fonte: OCDE

3.3. Crescimento do emprego: diferenças entre categorias de regiões

A Região do Norte registou a maior redução do emprego entre todas as regiões mais industrializadas da Europa dos 15 entre 2000 e 2017. Considerando todos os países em estudo, apenas as regiões mais industrializadas da Bulgária e da Roménia registaram uma redução superior.

A evolução negativa do emprego da Região do Norte deu-se num contexto específico no quadro europeu, atendendo a que Portugal foi o único país da Europa dos 15 que observou um crescimento do emprego na sua região fronteira, contra uma diminuição, quer na região mais industrializada, quer na média nacional, entre 2000 e 2017. Apenas a Roménia observou uma situação análoga à nacional. Em sentido contrário, na grande maioria dos Estados-Membros da Europa dos 15 verificou-se um aumento do emprego nas duas tipologias de regiões acima referidas e no país como um todo.

Figura 23 - Crescimento do emprego nas regiões-fronteira, nas regiões mais industrializadas e no país como um todo (taxa de crescimento acumulado entre 2000 a 2017, fonte: OCDE)



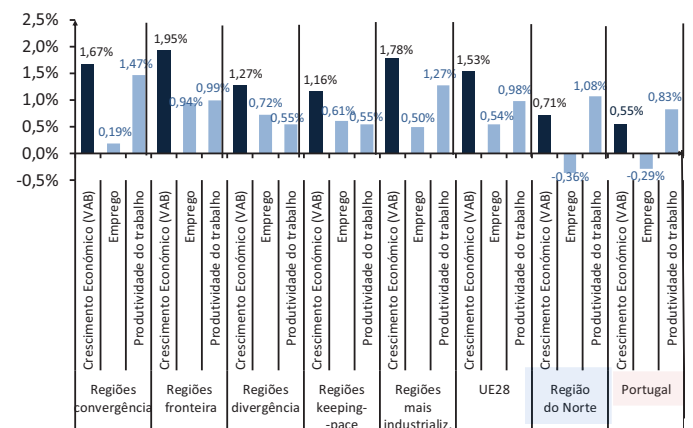
Ainda que a União Europeia tenha registado um maior crescimento do emprego nas regiões fronteiriças do que nas regiões mais industrializadas, importa referir que as menores disparidades entre estas duas categorias de regiões observaram-se nos países da Europa dos 15 com elevada tradição industrial (Áustria, Itália, Alemanha e Espanha). Recorde-se que as diferenças entre os níveis de produtividade do trabalho nestas categorias de regiões destes 4 países eram, também, das menores da União Europeia.

4. O crescimento económico da Região do Norte em termos comparados

O crescimento económico da Região do Norte, medido pela variação real do VAB, foi de 0,71%, em média anual, entre 2000 e 2017, um valor superior ao crescimento observado em

Portugal como um todo (0,55%). Ao mesmo tempo, o crescimento económico da Região do Norte foi acompanhado, em média anual, por uma redução do emprego (-0,36%) e, em consequência, por um aumento da produtividade do trabalho (1,08%), em linha com o que aconteceu em Portugal, que também observou uma evolução oposta nos dois indicadores, com o emprego a baixar 0,29% e a produtividade a aumentar 0,83%. Pelo contrário, a União Europeia como um todo observou um crescimento simultâneo em todos estes indicadores. O crescimento económico de 1,53% (mais do dobro do da Região do Norte) foi induzido por um aumento do emprego (0,54%) e por um crescimento da produtividade do trabalho (0,98%).

Figura 24 - Decomposição do crescimento económico (VAB) entre 2000 e 2017 por categorias de regiões (taxa de crescimento, média anual, fonte: OCDE)

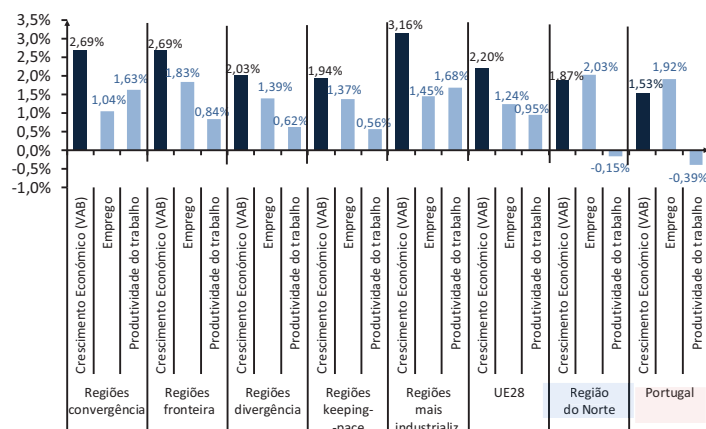


A comparação com outras regiões, sobretudo com aquelas mais equiparáveis do ponto de vista estrutural, parece sustentar a ideia de que apenas um crescimento económico mais elevado na Região do Norte poderia originar um modelo de crescimento de longo prazo mais equilibrado, com crescimento simultâneo do emprego e da produtividade. Entre 2000 e 2017, as regiões mais industrializadas registaram, em média, um crescimento económico de 1,78% e um aumento do emprego em 0,5%, valores significativamente superiores ao desta região (Figura 24). Noutras categorias, tais como nas regiões de divergência e nas regiões *keeping-pace*, o crescimento foi suportado, sobretudo, pela criação de emprego, que aumentou, em média anual, 0,72% e 0,61%, respetivamente, enquanto o crescimento da produtividade foi mais lento (0,55%, em ambos os casos). Ao mesmo tempo, as regiões-fronteira observaram um registo mais equilibrado, com o emprego (0,94%) e a produtividade do trabalho (0,99%) a aumentarem a um ritmo muito próximo.

Na fase mais recente do ciclo económico, entre 2013 e 2017, a Região do Norte mostrou um dinamismo assinalável e um desempenho superior ao observado em Portugal como um todo. Em média anual, o crescimento económico da Região do Norte

foi de 1,87%, um valor que compara com 1,53% em Portugal. Neste período, o emprego na Região do Norte cresceu 2,03%, em média anual, contra um aumento de 1,92% em Portugal. Contudo, a evolução menos favorável foi observada ao nível da produtividade do trabalho, que registou uma variação de -0,15% na Região do Norte e de -0,39% em Portugal como um todo (cf. Figura 25).

Figura 25 - Decomposição do crescimento económico (VAB) entre 2013 a 2017 por categorias de regiões (taxa de crescimento, média anual, fonte: OCDE)



Quadro 6 - Decomposição das taxas de crescimento do VAB na região mais industrializada de cada país (média anual entre 2000 e 2017, fonte: OCDE)

	Produtividade do trabalho	Emprego	VAB
Irlanda	5,04%	0,96%	6,05%
Roménia	5,56%	-1,26%	4,23%
Polónia	3,25%	0,73%	4,01%
República Eslovaca	2,70%	0,96%	3,69%
República Checa	2,18%	0,15%	2,33%
Eslovénia	2,13%	-0,20%	1,92%
Áustria	0,73%	1,17%	1,91%
Hungria	1,90%	-0,01%	1,89%
Bulgária	2,23%	-0,38%	1,84%
Suécia	1,20%	0,48%	1,69%
Reino Unido	0,61%	0,96%	1,57%
Alemanha	0,81%	0,76%	1,57%
Espanha	1,01%	0,49%	1,51%
Holanda	0,56%	0,77%	1,34%
Bélgica	0,47%	0,82%	1,30%
Finlândia	0,58%	0,59%	1,17%
Portugal	1,08%	-0,36%	0,71%
Dinamarca	0,62%	0,00%	0,62%
Itália	-0,36%	0,77%	0,41%
Grécia	-0,72%	-0,20%	-0,92%

Entre as regiões mais industrializadas, o crescimento económico da Região do Norte (0,71%, em média anual) foi dos mais baixos. Apenas as congéneres da Dinamarca (0,62%), da Itália (0,41%) e da Grécia (-0,92%) registaram um crescimento inferior. Ao mesmo tempo, a dinâmica de crescimento

observada na Região do Norte, suportada no aumento da produtividade do trabalho (+1,08% em média anual) e na redução do emprego (-0,36% em média anual), apenas foi observado em outras quatro regiões mais industrializadas, todas pertencentes ao Leste Europeu (Hungria, Eslovénia, Bulgária, Roménia). Na grande maioria das regiões mais industrializadas da União Europeia, o padrão foi o do crescimento simultâneo do emprego e da produtividade do trabalho (cf. Figura 26). As regiões mais industrializadas dos países da EU-15 registaram, regra geral, um crescimento económico mais equilibrado, com o emprego a aumentar a um ritmo próximo ao da produtividade do trabalho. As regiões da Áustria, Reino Unido, Alemanha, Espanha, Bélgica, Holanda e Finlândia constituem bons exemplos deste tipo de crescimento no contexto europeu, em todos os casos com taxas de crescimento económico superiores à da Região do Norte. Em média anual, a região mais industrializada da Áustria viu o VAB aumentar 1,91%, assim como a do Reino Unido (1,57%), a da Alemanha (1,57%), a da Espanha (1,51%), a da Bélgica (1,30%), a da Holanda (1,34%) e da Finlândia (1,17%).

Figura 26 - Crescimento do emprego e da produtividade do trabalho na região mais industrializada de cada país (taxa de crescimento, média anual, entre 2000 a 2017, fonte: OCDE)

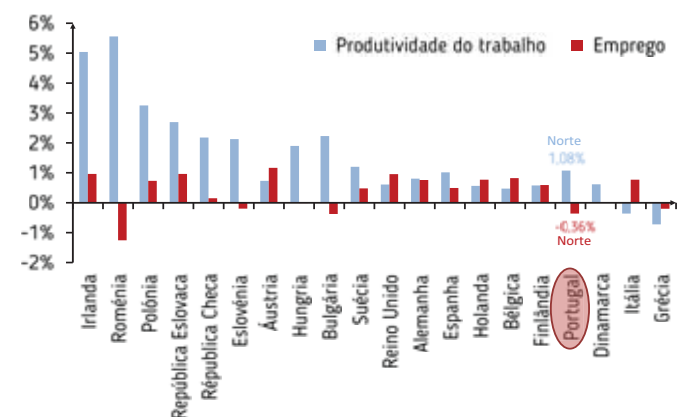
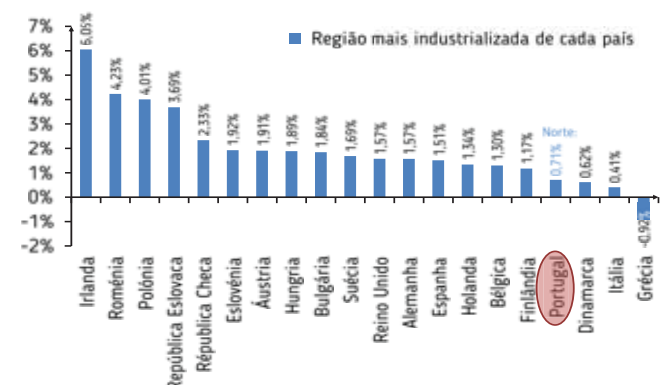


Figura 27 - Crescimento económico (VAB) na região mais industrializada de cada país (taxa de crescimento, média anual, entre 2000 a 2017, fonte: OCDE)



5. A estrutura produtiva

5.1. O emprego por setores de atividade

Em 2016, o setor industrial (incluindo indústrias transformadoras e energia) era a atividade económica com maior peso relativo na estrutura de emprego da Região do Norte, sendo responsável por 25,7% do emprego total, bastante

acima da média nacional (16,9%) e da região fronteira de Portugal (7,8%). Esta diferença no contexto nacional resulta sobretudo da forte incidência das indústrias transformadoras na Região do Norte, as quais contribuíam com 24,6% para o emprego total deste território. A Região do Norte também se destacava pelo seu forte peso industrial no contexto europeu. A este nível, a Região do Norte apenas era ultrapassada pelas congéneres mais industrializadas dos países do Leste Europeu.

Figura 28 – Proporção de cada setor de atividade no total do emprego das respetivas economias em 2016 (fonte: OCDE)

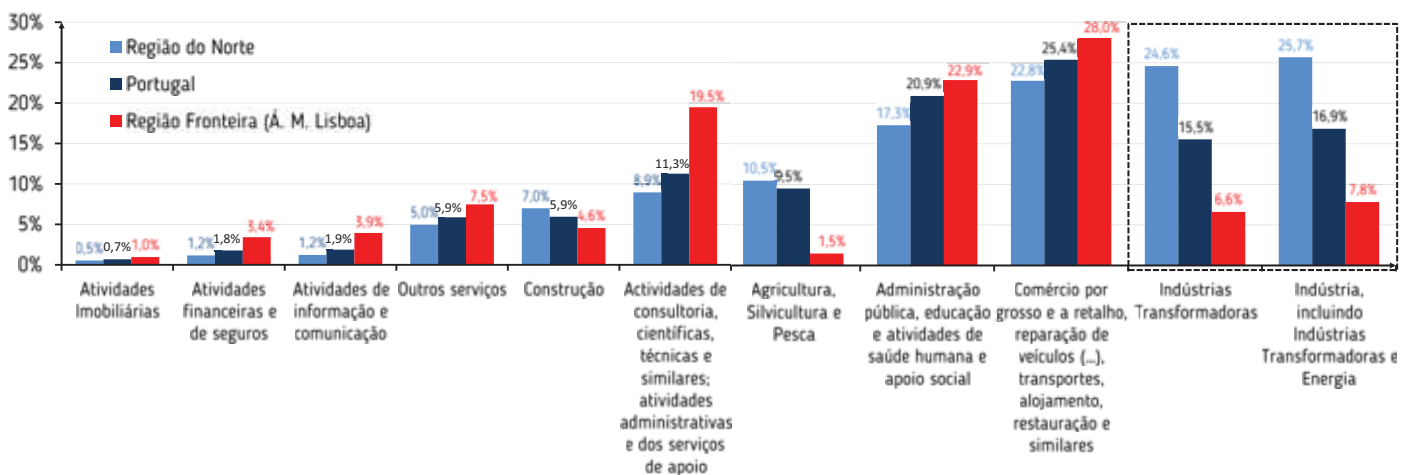
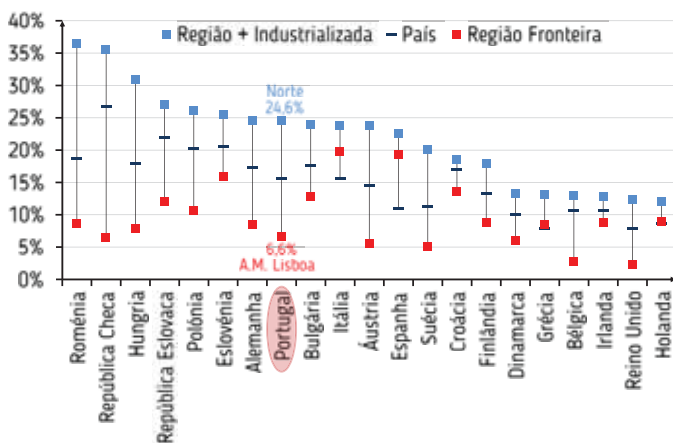
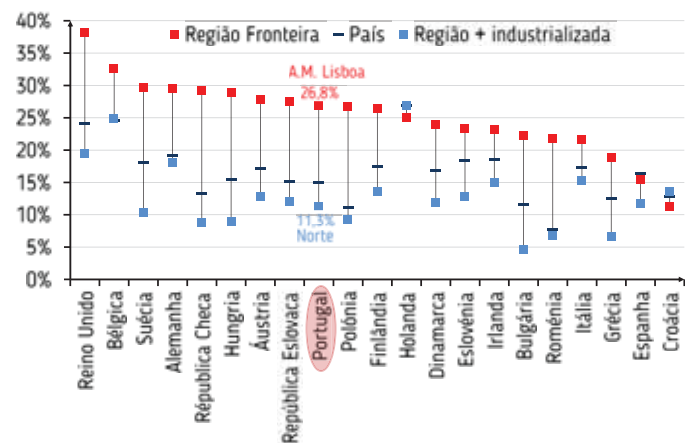


Figura 29 – Proporção das indústrias transformadoras no emprego total em 2016 (fonte: OCDE)



A análise da estrutura do emprego das regiões em estudo revela que nenhuma região fronteira era, ao mesmo tempo, a mais industrializada do seu país. A maior especialização produtiva na indústria transformadora ocorre fora das regiões fronteiras, sendo este fenómeno mais acentuado nos países do Leste Europeu como a Roménia, a República Checa e a Hungria. Nos restantes países, apesar das diferenças não serem tão evidentes, ainda persistem assimetrias significativas em alguns casos, como Portugal e Áustria. Em Portugal a diferença entre a percentagem do emprego das indústrias transformadoras na Região do Norte (24,6%) e na Área Metropolitana de Lisboa (6,6%) era de 18,0 p.p. em 2016, a quinta maior diferença entre

Figura 30 – Proporção dos serviços diferenciados e intensivos em conhecimento no emprego total em 2016 (fonte: OCDE)

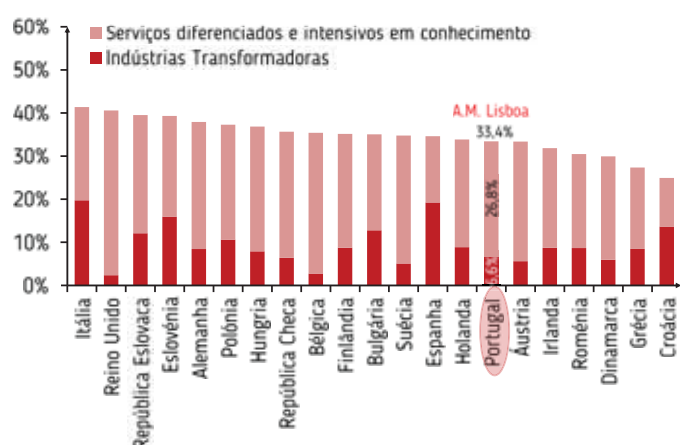


os países da União Europeia incluídos neste estudo. A constatação desta diferença é importante do ponto de vista económico e social, relevando a definição coerente de uma política industrial regional alinhada com as necessidades específicas desta região.

A situação era também bastante assimétrica no que respeita aos ramos de atividade classificados como serviços diferenciados e intensivos em conhecimento. Como se pode ver a partir da Figura 30, o peso relativo do emprego destes ramos é significativamente maior nas regiões fronteiras do que nas regiões mais industrializadas. Apenas a Holanda e a Croácia contrariam esta tendência. No caso da Região do Norte, o peso

destes serviços no emprego total era de 11,3% em 2016, um dos mais baixos da União Europeia entre as regiões mais industrializadas. Apenas as regiões mais industrializadas do Leste Europeu, na sua esmagadora maioria, assim como as da Grécia e Suécia apresentavam valores mais baixos. No que diz respeito à Área Metropolitana de Lisboa, região fronteira de Portugal, o peso relativo destes serviços no emprego total era de 26,8%, um valor em linha com o observado nos países mais desenvolvidos da União Europeia.

Figura 31 – Regiões-Fronteira: proporção do emprego das indústrias transformadoras e dos serviços diferenciados e intensivos em conhecimento no emprego total em 2016 (Fonte: OCDE)



O valor agregado do emprego destes dois grupos de atividades económicas (indústrias transformadoras e serviços diferenciados e intensivos em conhecimento) no emprego total da região fronteira de Portugal e da Região do Norte não era muito diferente. Como se pode ver nas Figuras 31 e 32, o valor agregado era de 33,4% na região fronteira e de 35,9% na Região do Norte. Quando comparado com as regiões mais industrializadas dos países da União Europeia, o peso destes dois grupos de atividades económicas no emprego da Região do Norte encontrava-se praticamente a meio da tabela do ranking europeu, liderado pelas regiões mais industrializadas da República Checa, Roménia, Alemanha, Hungria e Itália. Se no caso dos países do Leste Europeu a preponderância da atividade industrial é fundamental para liderar o ranking, nos restantes casos existe um maior equilíbrio entre a importância relativa de cada setor.

O peso do emprego destes dois ramos de atividade nas economias é, regra geral, um indicador importante da competitividade das economias regionais. A atividade industrial é fundamental para o comércio internacional, para a inovação e para a mudança estrutural da economia em favor de ramos de atividade mais produtivos ou com maior capacidade de impulsão do crescimento. Em simultâneo, os serviços diferenciados e intensivos em conhecimento são importantes

veículos para a digitalização da economia, bem como para a transferência de conhecimento, difusão da inovação e realização de atividades de I&D. A combinação destes benefícios tende a criar um ambiente propício ao empreendedorismo e ao surgimento de empresas mais inovadoras e com maiores níveis de produtividade.

Figura 32 – Regiões mais industrializadas: proporção do emprego das indústrias transformadoras e dos serviços diferenciados e intensivos em conhecimento no emprego total em 2016 (Fonte: OCDE)



5.2. A produtividade do trabalho por ramos de atividade na Região do Norte

Em 2016, cerca de 80% de todo o emprego da Região do Norte estava alocado a setores de atividade com uma produtividade do trabalho relativamente baixa (inferior à média regional). As indústrias transformadoras, no seu conjunto, concentravam 24,6% do emprego da região, registando um nível de produtividade do trabalho 9,7% inferior à média. O baixo nível de produtividade das indústrias transformadoras é visível, inclusive, no confronto com setores de atividade com maiores restrições ao crescimento da produtividade, como é tipicamente o caso do comércio por grosso e a retalho, transportes e armazenagem, alojamento, restauração e similares. Em 2016, estas atividades tinham, no seu conjunto, um nível de produtividade do trabalho 7,3% superior ao das indústrias transformadoras, ocupando uma percentagem relevante no emprego total da Região do Norte (22,8%). Os ramos de atividade com níveis de produtividade destacadamente mais elevados eram as atividades de informação e comunicação, as atividades financeiras e de seguros e as outras indústrias (eletricidade, água, gás, saneamento, entre outras) (cf. Figura 33). Estes três ramos, que detêm um nível de capital por trabalhador significativo, concentram, no entanto, uma proporção muito reduzida do emprego total do Norte (3,6%).

A reduzida produtividade do trabalho na região não resulta unicamente da estrutura produtiva, mas também dos baixos

níveis de produtividade observados dentro de cada setor (cf. Figura 35). A este nível, os maiores défices relativamente à média nacional encontram-se no setor da agricultura, silvicultura e pesca (-49,1%), nas indústrias transformadoras (-16,4%) e no comércio, transportes e armazenagem, alojamento, restauração e similares (-16,4%), setores que em conjunto totalizavam cerca de 60% do emprego da Região do Norte. Apenas as outras indústrias e o setor das atividades imobiliárias, ambos com uma expressão muito reduzida no

emprego da região, gozavam de um valor superior ao nacional. Sendo certo que o valor da produtividade do trabalho de Portugal, em cada um dos setores, é influenciada, em alta, pelo contributo da região fronteira (Área Metropolitana de Lisboa), as diferenças da Região do Norte face à média nacional decorrem de debilidades estruturais que lhe são específicas.

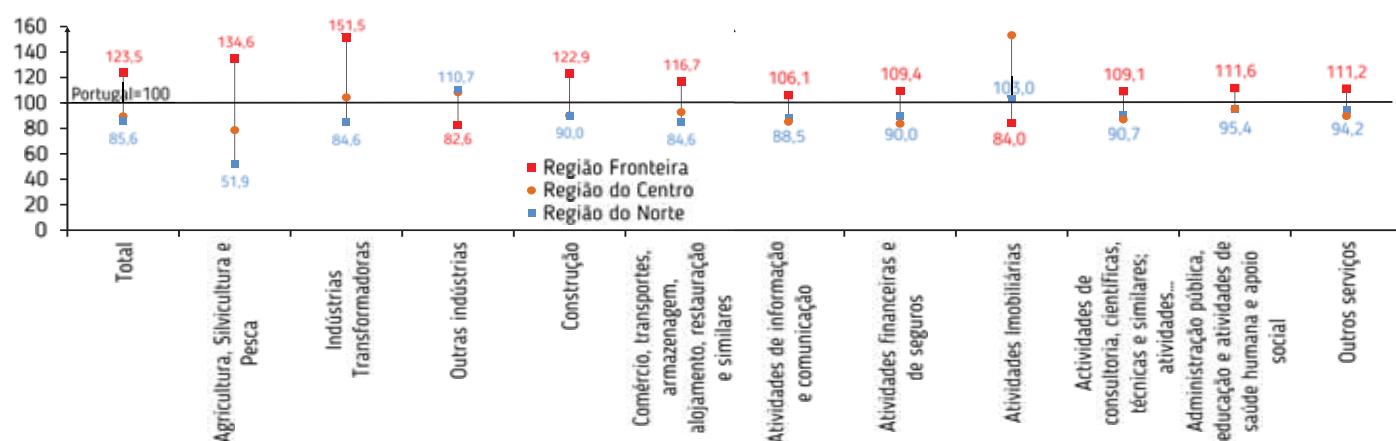
Figura 33- Produtividade do trabalho por setores de atividade na Região do Norte, em 2016
(média da Região do Norte=100, fonte: OCDE)



Figura 34 - Proporção do emprego por setores de atividade na Região do Norte, em 2016
(total da Região do Norte=100%, fonte: OCDE)



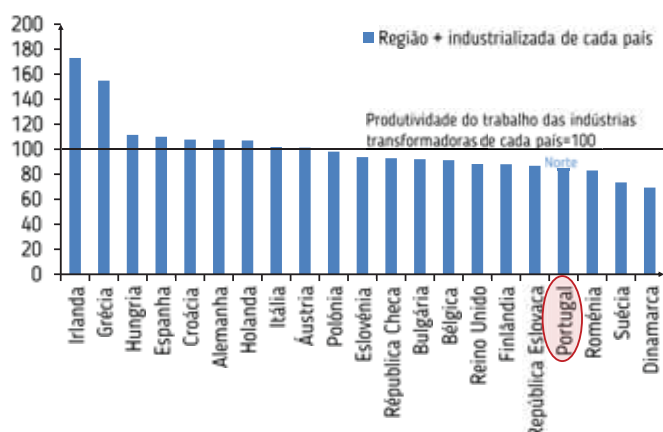
Figura 35 - Produtividade do trabalho da Região do Norte, da Região do Centro e da região fronteira face ao valor de Portugal em cada um dos setores de atividade em 2016
(produtividade do trabalho de cada setor em Portugal=100, fonte: OCDE)



5.3. A produtividade do trabalho nas indústrias transformadoras no contexto das regiões mais industrializadas

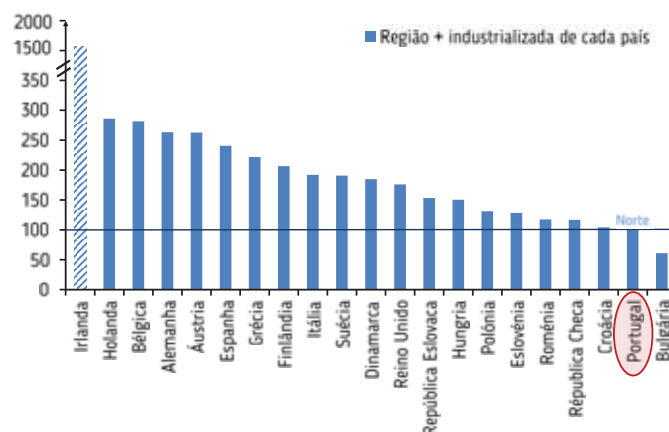
A situação da Região do Norte distingue-se da observada à escala europeia. De um modo geral, a produtividade do trabalho das indústrias transformadoras nas regiões mais industrializadas da Alemanha, Itália, Áustria e Espanha encontra-se acima do valor observado no respetivo país. Em 2016, em Espanha a diferença era de 11 p.p. e na Alemanha chegava a 7,6 p.p., sendo que as menores diferenças encontravam-se nas regiões mais industrializadas da Áustria e da Itália (+1 p.p.).

Figura 36 - Produtividade do trabalho das indústrias transformadoras nas regiões mais industrializadas face à produtividade do trabalho desse setor em cada um dos países, em 2016 (fonte: OCDE)



O baixo valor da produtividade do trabalho das indústrias transformadoras da Região do Norte é também perceptível em confronto com as regiões mais industrializadas dos vários países da União Europeia. Na Figura 37 pode ver-se que a Região do Norte possuía o segundo valor mais baixo entre as regiões mais industrializadas da União Europeia, sendo que apenas a congénere da Bulgária tinha um valor inferior. O ranking era liderado destacadamente pela região mais industrializada da Irlanda, com uma produtividade 15 vezes superior ao valor observado na Região do Norte. As regiões mais industrializadas da Holanda, Bélgica, Alemanha, Áustria e Espanha completavam os lugares cimeiros deste ranking, com níveis de produtividade superiores ao dobro do observado na Região do Norte. Em alguns países do Leste Europeu, as regiões mais industrializadas apresentam também valores significativamente superiores. No caso da Polónia o valor era cerca de 30% superior e na Hungria ultrapassava os 50%.

Figura 37 - O nível de produtividade do trabalho das indústrias transformadoras das regiões mais industrializadas face ao valor desse setor na Região do Norte em 2016 (indústrias transformadoras da Região do Norte=100, fonte: OCDE)



Ao nível europeu é possível identificar regiões com níveis de produtividade do trabalho bastante semelhantes entre si, mas com graus de especialização produtiva nas indústrias transformadoras muito diferentes. Por exemplo, as regiões mais industrializadas da Holanda e da Bélgica, ambas com um reduzido peso do emprego das indústrias transformadoras, respetivamente, 12,1% e 12,9%, observaram níveis de produtividade do trabalho neste setor que não eram muito diferentes dos das regiões mais industrializadas da Alemanha e da Áustria, em que o emprego das indústrias transformadoras representava 24,6% e 23,9% do total, respetivamente.

Pelo exemplo acima, constata-se que a dimensão relativa do emprego das indústrias transformadoras não determina, por si só, o nível de produtividade do trabalho. A dimensão do emprego no setor das indústrias transformadoras não parece por em causa a existência de elevados níveis de produtividade, como acontece nas regiões mais industrializadas da Alemanha e da Áustria. Seguir esta trajetória constitui um desafio ambicioso para a Região do Norte que dependerá, sobretudo, de uma aceleração da procura externa dirigida a este setor, de uma maior transformação da produção em prol de uma elevação substantiva do valor acrescentado e de uma mudança estrutural do emprego para ramos de atividade industrial mais produtivos e de procura mais dinâmica, assim como da promoção de mudanças no interior das empresas, da sua capacidade de gestão e grau de internacionalização.

6. Mudança Estrutural

6.1. O crescimento do emprego por setores de atividade

Uma das componentes mais importantes da mudança estrutural diz respeito à evolução do emprego em cada um dos setores de atividade durante um longo período de tempo. Entre 2000 e 2016, a Região do Norte perdeu no total cerca de

150.000 empregos em resultado de uma evolução claramente antagónica nos seus principais setores. O setor primário e secundário registaram, em conjunto, uma redução de cerca de 300.000 empregos que não foi de modo algum compensada pelo crescimento observado em todo o setor dos serviços, que viu o emprego aumentar em pouco mais de 150.000.

De facto, a terciarização da atividade económica da Região do Norte ocorreu a par de uma forte desindustrialização da economia e de um significativo ajustamento em baixa do setor da construção. As indústrias transformadoras sofreram uma diminuição de quase 150.000 empregos (-26,9%) e o setor da construção viu o emprego baixar em mais de 100.000 (-47,8%) entre 2000 e 2016.

A tendência de redução do emprego na indústria transformadora não é exclusiva da Região do Norte, observando-se em todas as regiões NUTS II de Portugal e na grande maioria das regiões e dos países da União Europeia entre 2000 e 2016. Em apenas três países foi possível observar

Figura 38 - Setores de atividade com crescimento do emprego entre 2000 e 2016 na Região do Norte
(taxa de crescimento acumulado, Fonte: OCDE)

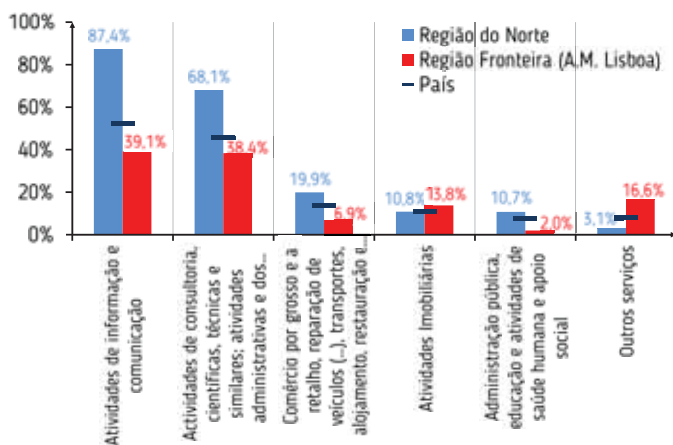
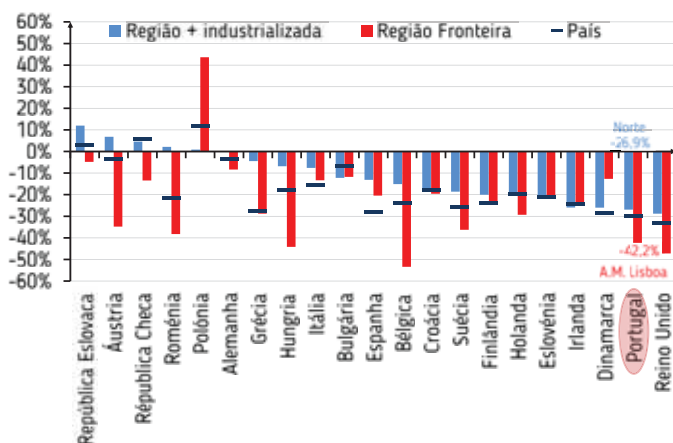


Figura 39 - Crescimento do emprego das indústrias transformadoras na região fronteira e na região mais industrializada de cada país entre 2000 e 2016
(taxa de crescimento acumulado, fonte: OCDE)



um crescimento do emprego neste setor, todos pertencentes ao Leste Europeu, nomeadamente, a República Eslovaca, a República Checa e a Polónia. Em Portugal como um todo a redução foi das mais expressivas da União Europeia, tendo-se observado uma queda de 29,7% no emprego das indústrias transformadoras.

No âmbito das regiões da União Europeia, a queda do emprego nas indústrias transformadoras foi observada em praticamente todas as regiões-fronteira, com exceção de Varsóvia (Polónia). A região fronteira de Portugal (Área Metropolitana de Lisboa) observou a terceira maior redução (-42,2%) entre as congéneres europeias. No que diz respeito às regiões mais industrializadas, a tendência não foi muito diferente, visto que somente 5 destas regiões observaram um crescimento do emprego neste setor. A Região do Norte posicionou-se claramente no outro extremo ao assinalar a segunda maior redução do emprego nas indústrias transformadoras, em termos percentuais, entre 2000 e 2016 (cf. Figura 39).

Figura 40 - Setores de atividade com decréscimo do emprego entre 2000 e 2016 na Região do Norte
(taxa de crescimento acumulado, fonte: OCDE)

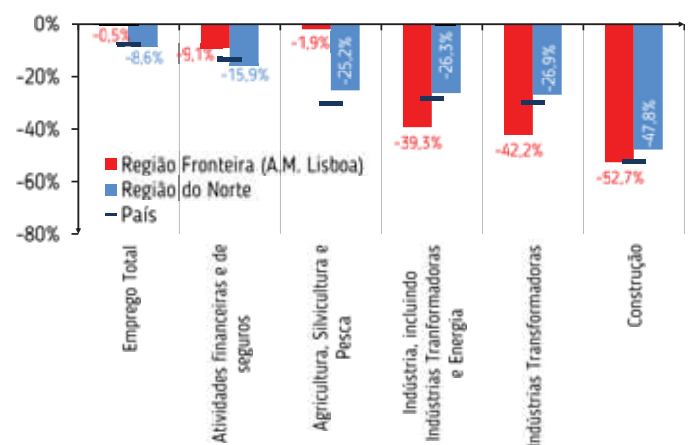
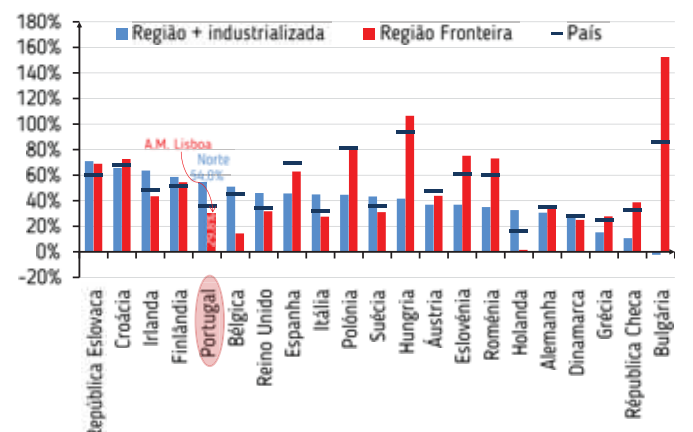


Figura 41 - Crescimento do emprego dos serviços diferenciados e intensivos em conhecimento na região fronteira e na região mais industrializada de cada país entre 2000 e 2016
(taxa de crescimento acumulado, fonte: OCDE)

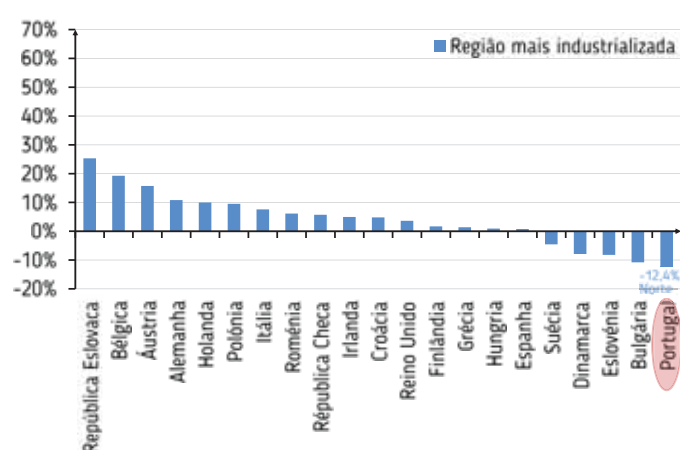


No setor dos serviços, os maiores crescimentos do emprego na Região do Norte observaram-se nos serviços diferenciados e intensivos em conhecimento, que no seu conjunto criaram 63.700 postos de trabalho, em termos líquidos, entre 2000 e 2016 (+54,0%). Dentro desta classificação específica, o emprego das atividades de informação e comunicação registou um aumento de 87,4%, acima do que foi observado nas atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares, administrativas e dos serviços de apoio (68,1%). Apenas as atividades financeiras e de seguros observaram uma redução (-15,9%). Ainda que as maiores variações do emprego, em termos percentuais, tenham ocorrido nos serviços acima referidos, a criação de emprego, em termos absolutos, foi praticamente igual ao conjunto composto pelo comércio, transporte e armazenagem, alojamento, restauração e similares, que registou um aumento de 60.000 empregos entre 2000 e 2016 (+19,9%).

No contexto europeu, o crescimento do emprego nos serviços diferenciados e intensivos em conhecimento foi observado em todos os países da União Europeia, regiões fronteira e em quase todas as regiões mais industrializadas (cf. Figura 41). No quadro destas últimas, a Região do Norte (54,0%) registou o quinto maior crescimento, sendo apenas suplantada pelas regiões mais industrializadas da República Checa, Croácia,

Figura 42 - Regiões mais industrializadas: crescimento do emprego no agregado composto pelos serviços diferenciados e intensivos em conhecimento e indústrias transformadoras entre 2000 e 2016

(taxa de crescimento acumulado, fonte: OCDE)



6.2. A evolução da estrutura produtiva entre 2000 e 2016

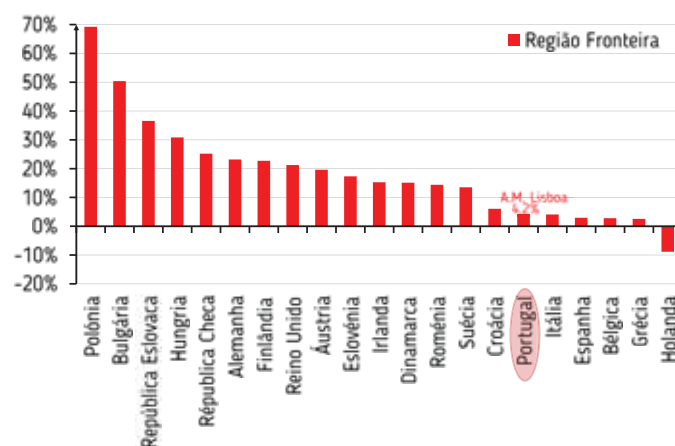
A análise da evolução da estrutura do emprego na Região do Norte entre 2000 e 2016 revela 4 tendências principais: (i) a redução do peso das indústrias transformadoras de 30,7% para 24,6%; (ii) o aumento do peso relativo do emprego no comércio, transportes, alojamento, restauração e similares de 17,4% para

Irlanda e Suécia. Por outro lado, há que ter em conta a reduzida dimensão do setor em 2000.

No âmbito de um processo generalizado de desindustrialização, o aumento do emprego nos serviços diferenciados e intensivos em conhecimento tem vindo a ser apontado como uma forma de reconversão da atividade económica e de mudança estrutural das economias para o denominado setor terciário superior. O termo superior resulta do facto dos serviços em discussão serem intensivos em conhecimento e necessitarem de recursos humanos altamente qualificados. Quando comparado o saldo entre os empregos ganhos nestes serviços e o emprego perdido nas indústrias transformadoras, a Região do Norte compara mal com as restantes regiões, sejam elas de fronteira (Figura 43) ou as mais industrializadas dos seus países (Figura 42). Entre 2000 e 2016, os cerca de 64.000 empregos criados por estes serviços não foram suficientes para compensar a redução de 150.000 nas indústrias transformadoras, o que se traduziu numa perda líquida de 86.000 empregos, a maior redução percentual entre as regiões mais industrializadas da União Europeia (-12,4%). Aliás, a maioria destas regiões conseguiu aumentar o emprego no agregado destes dois setores entre 2000 e 2016.

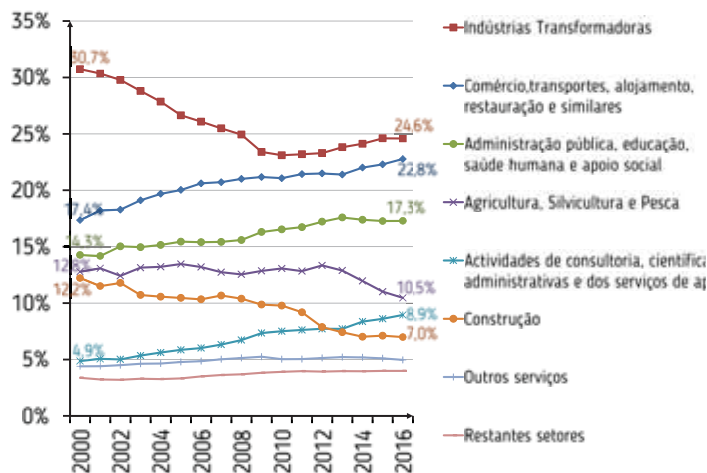
Figura 43 - Regiões-fronteira: taxa de crescimento do emprego no agregado composto pelos serviços diferenciados e intensivos em conhecimento e as indústrias transformadoras entre 2000 e 2016

(taxa de crescimento acumulado, fonte: OCDE)



22,8%; (iii) a redução do setor da construção de 12,2% para 7,0% e o aumento da proporção do emprego alocado às atividades de consultoria, científicas, administrativas e dos serviços de apoio de 4,9% para 8,9%.

Figura 44 - Proporção de cada setor no emprego total da Região do Norte (fonte: OCDE)



Uma componente importante da mudança estrutural está associada à transferência de emprego para setores de atividade mais dinâmicos. No caso da Região do Norte, e conforme referido anteriormente, a indústria transformadora observou o maior crescimento da produtividade do trabalho (51,6%) entre 2000 e 2016, mas também a maior redução do emprego (-26,9%). Da conjugação destes dois fatores resulta que a riqueza criada pelas indústrias transformadoras, medida pelo VAB, teve um aumento real de 10,8%, sendo equivalente a um crescimento médio anual de 0,64%, valor praticamente idêntico à evolução do VAB total da Região do Norte. As atividades financeiras e de seguros, bem como a agricultura, silvicultura e

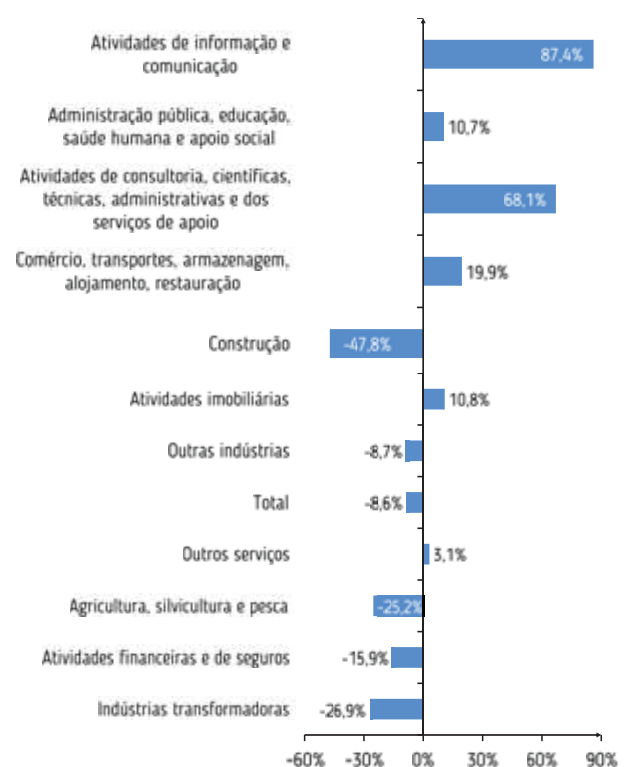
Figura 45 - Crescimento da produtividade do trabalho (VAB a preços constantes, a p.p.c constantes /emprego) na Região do Norte por setores de atividade entre 2000 e 2016 (taxa de crescimento acumulado, fonte: OCDE)



pesca exibiram uma dinâmica de crescimento semelhante. Em todos estes casos, o forte crescimento da produtividade do trabalho foi acompanhado por uma significativa redução do emprego.

O antagonismo entre a evolução da produtividade do trabalho e do emprego foi também registado noutros ramos de atividade da Região do Norte, embora com movimentos de sentido contrário. Alguns serviços diferenciados e intensivos em conhecimento, como as atividade de informação e comunicação e as atividades de consultoria, científicas, técnicas, administrativas e de apoio social, registaram um aumento significativo do emprego, em paralelo com uma redução dos ganhos na produtividade do trabalho. As atividades de informação e comunicação, em particular, registaram o maior crescimento do emprego (87,4%), mas também a maior queda da produtividade (-18,5%) entre 2000 e 2016. Nas atividades de consultoria, científica, administrativas e de serviços de apoio o aumento do emprego em 68,1% foi acompanhado por uma redução da produtividade em 4,6%. Nos serviços menos diferenciados, frequentemente associados ao terceiro setor inferior, como o comércio, transportes, armazenagem, alojamento e restauração, o crescimento foi exclusivamente alicerçado na criação de emprego (+19,9%), uma vez que a produtividade do trabalho em 2016 manteve-se idêntica à de 2000.

Figura 46 - Crescimento do emprego na Região do Norte por setores de atividade entre 2000 e 2016 (taxa de crescimento acumulado, fonte: OCDE)



6.3. O crescimento da produtividade do trabalho por ramos de atividade: a Região do Norte no contexto nacional

Nos três principais ramos empregadores da Região do Norte (indústrias transformadoras; comércio, transportes, armazenagem, alojamento e restauração; administração pública, educação, saúde humana e apoios sociais), que no conjunto representavam cerca de 65% do emprego total em 2016, não se registaram diferenças significativas no

crescimento da produtividade do trabalho face ao que foi observado na região fronteira e no país no seu todo entre 2000 e 2016 (cf. Figura 47). Em particular, o crescimento de 51,6% observado nas indústrias transformadoras foi próximo do ocorrido na região fronteira (49,5%) e no país (45,0%). Nos outros dois ramos, as variações da produtividade foram bastante reduzidas, não havendo por isso um impacto económico significativo.

Figura 47 - Crescimento da produtividade do trabalho entre 2000 e 2016, por ramos de atividade, na Região do Norte, na região fronteira de Portugal e em Portugal (taxa de crescimento acumulado, fonte: OCDE)

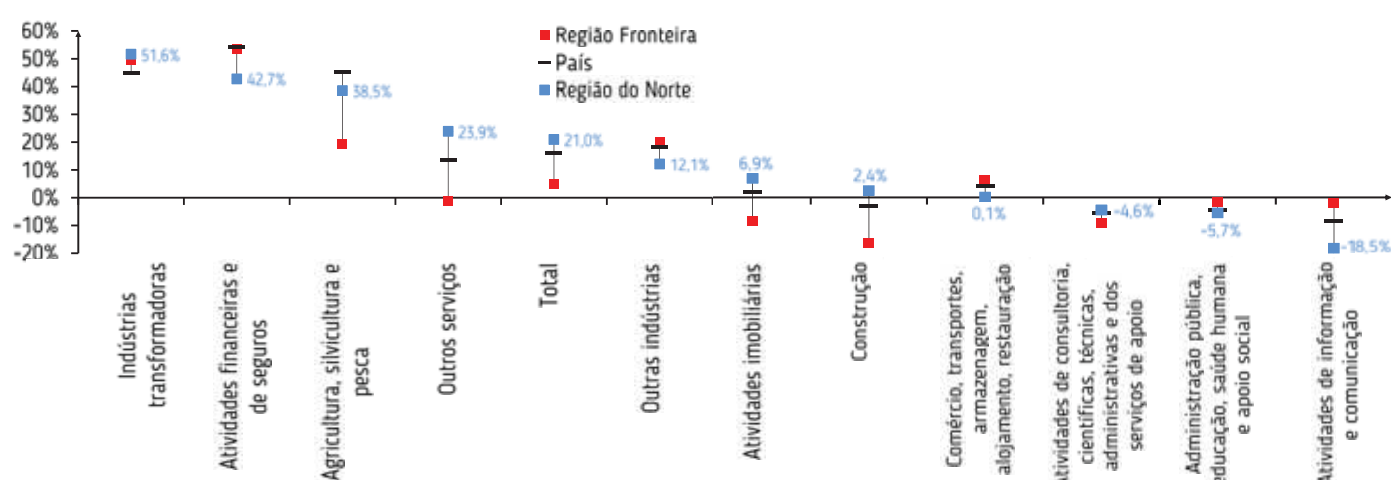
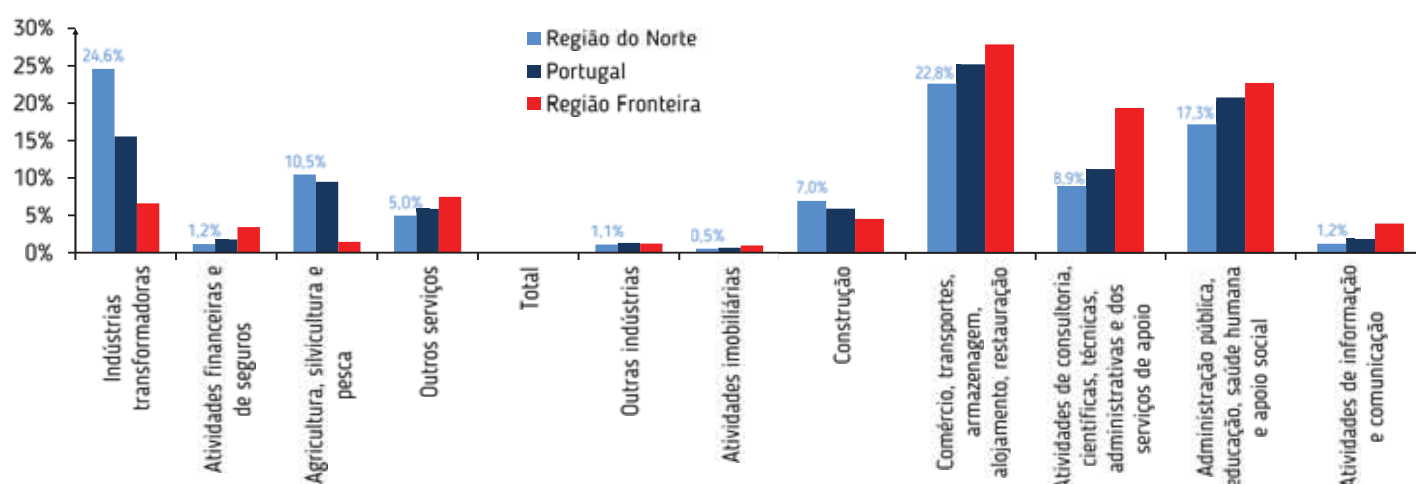


Figura 48 - Proporção do emprego de cada setor de atividade no total das respetivas economias em 2016 (Fonte: OCDE)



Apesar de se ter observado uma certa "neutralidade espacial" no crescimento da produtividade dos principais setores de atividade, a evolução da produtividade do trabalho no contexto de cada região foi, no entanto, desigual. Esta diferença é particularmente evidente na comparação entre o Norte e a Área Metropolitana de Lisboa. O crescimento da produtividade do trabalho na primeira região foi de 21,0% entre 2000 e 2016, contra 4,8% na região fronteira.

A explicação para esta diferença reside, evidentemente, na diferente estrutura económica das duas regiões. Como se pode ver na Figura 48, o peso relativo do emprego das indústrias transformadoras na Região do Norte (24,6%) era significativamente superior ao observado na região fronteira (6,6%), pelo que o mais elevado crescimento da produtividade neste setor, observado em ambas as regiões, teve um maior impacto no crescimento global da produtividade na Região do

Norte. Este resultado vem mostrar a importância de se garantir, no futuro, níveis elevados de emprego em setores de atividade com maior potencial de crescimento da produtividade, como é o caso das indústrias transformadoras.

6.4 O crescimento da produtividade e do emprego nas indústrias transformadoras no contexto das regiões mais industrializadas

O crescimento da produtividade do trabalho nas indústrias transformadoras foi transversal a todas as regiões mais industrializadas, à exceção da região da Grécia, que viu este indicador baixar entre 2000 e 2016 (cf. Figura 49). Neste período, o crescimento da produtividade das indústrias transformadoras na Região do Norte foi o 12º maior entre as 21 regiões consideradas, sendo o ranking do crescimento liderado pela região da Irlanda e pelas congéneres da Europa de Leste. Entre os países da Europa dos 15, as regiões mais industrializadas da Irlanda, Áustria, Suécia e Espanha registaram maiores crescimentos do que a Região do Norte, mesmo partindo de níveis de produtividade do trabalho significativamente superiores em 2000.

O crescimento da produtividade nestas indústrias nas regiões mais industrializadas da União Europeia foi, no entanto, acompanhado pela redução do emprego na maioria dos casos em estudo. Apenas cinco regiões, das quais quatro pertencentes ao Leste Europeu, conseguiram observar um crescimento simultâneo nos dois indicadores, ainda que o emprego tenha observado um ritmo muito inferior ao da produtividade do trabalho.

A tendência europeia para a redução da importância relativa do emprego na indústria e do aumento da produtividade do trabalho neste setor assumiu formas distintas entre as regiões mais industrializadas, com reflexos assimétricos na evolução da riqueza criada pelas indústrias transformadoras. A Região do Norte pertence ao grupo das regiões que observaram os menores crescimentos do VAB das indústrias transformadoras entre 2000 e 2016, sustentando o seu crescimento no aumento da produtividade do trabalho (2,6% em média anual), mas sofrendo uma forte perda de emprego (-1,9% em média anual). Apenas cinco regiões, todas da EU-15, observaram um crescimento do VAB das indústrias transformadoras inferior ao da Região do Norte (cf. Figura 50). As regiões mais industrializadas dos países da Europa dos 15 com crescimento do VAB superior ao da Região do Norte e, ao mesmo tempo, com uma dimensão industrial semelhante a esta região, nomeadamente, as regiões da Espanha, Alemanha e Áustria, não registaram grandes alterações no nível de emprego. Entre 2000 e 2016, a região mais industrializada da Áustria conseguiu, inclusive, criar emprego nas indústrias

transformadoras, a da Alemanha conseguiu mantê-lo e a da Espanha apenas sofreu uma ligeira redução.

Figura 49 - Evolução da produtividade do trabalho e do emprego no setor das indústrias transformadoras da região mais industrializada de cada país entre 2000 e 2016 (taxa de crescimento, em média anual, fonte: OCDE)

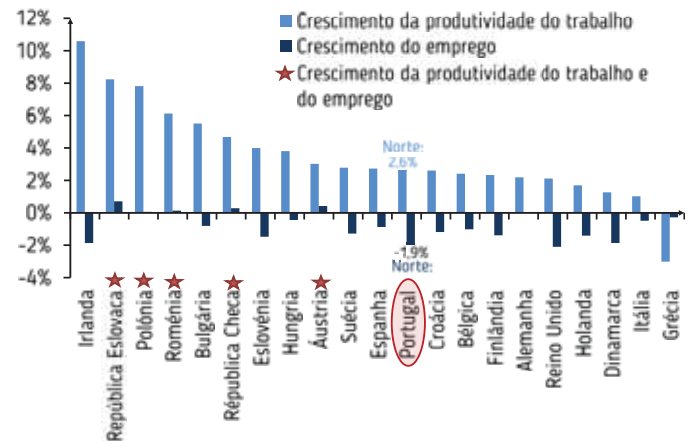
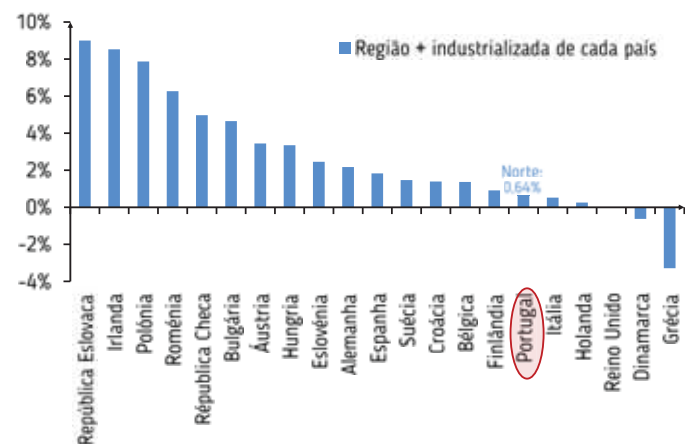


Figura 50 - Crescimento do VAB no setor das indústrias transformadoras na região mais industrializada de cada país entre 2000 e 2016 (taxa de crescimento, em média anual, fonte: OCDE)



6.5. O Valor Acrescentado Bruto (VAB) da Região do Norte no contexto nacional

O VAB gerado por todas as indústrias da Região do Norte (indústrias transformadoras, indústrias extrativas, eletricidade, gás, vapor, água, ar, captação, tratamento e distribuição, água e saneamento) representava 25,9% do VAB total da região em 2016, um valor significativamente superior ao observado em Portugal (17,7%) e na Área Metropolitana de Lisboa (9,6%). A maior incidência da atividade industrial na Região do Norte no contexto nacional resulta, sobretudo, da importância das indústrias transformadoras. Em 2016, o VAB destas indústrias correspondia a 22,2% do total da Região do Norte, contra 14,2% em Portugal, e apenas 7,4% na Área Metropolitana de Lisboa.

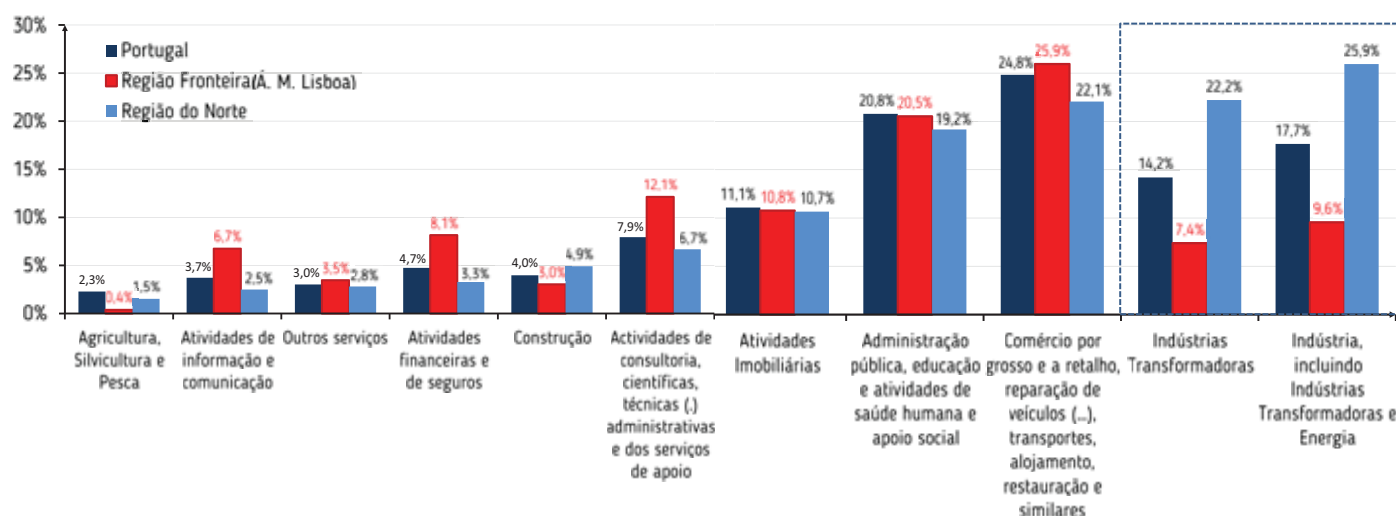
Os ramos de atividade de reconhecida importância para potenciar o crescimento e a produtividade global da economia, nomeadamente, os serviços diferenciados e intensivos em conhecimento (OCDE, 2018), que, nesta publicação, consideramos ser a agregação das atividades de consultoria, científicas, técnicas, administrativas e serviços de apoio mais as atividades financeiras e de seguros e ainda as atividades de informação e comunicação, assumem menor expressão na criação de riqueza, representando, em 2016, 12,5% do VAB total da Região do Norte.

A comparação do VAB das indústrias transformadoras com o destes serviços indicia a existência de um modelo dual de especialização económica em Portugal. A Região do Norte distingue-se das restantes regiões e, sobretudo, da região fronteira, por via de uma maior relevância dos bens transacionáveis de cariz industrial, enquanto a região fronteira, a segunda mais populosa do país e com o maior nível de produtividade do trabalho, especializou-se em serviços não transacionáveis, como o comércio, e em serviços

transacionáveis diferenciados e intensivos em conhecimento. Estes últimos representavam no seu conjunto 27,0% do VAB total da economia da região fronteira.

Nos restantes ramos de atividade não existem diferenças significativas entre a Região do Norte, a região fronteira e a média nacional. O setor primário tem um peso residual no VAB de todas as regiões, os ramos da construção e das atividades imobiliárias apresentam valores muito semelhantes, assim como o agregado entre o ramo da administração pública, da educação e das atividades de saúde humana e apoio social. A ausência de diferenças significativas nestes ramos parece residir no facto destes serviços dependerem de uma procura interna relativamente homogênea em todo o território. Pelo contrário, a localização dos serviços diferenciados e intensivos em conhecimento é determinada, em grande parte, por uma procura interna bastante diferenciada entre as regiões do país, com o efeito capitalidade a determinar a maior expressão destes serviços na Área Metropolitana de Lisboa, à semelhança de outras regiões fronteira da União Europeia (cf. Figura 53).

Figura 51 - Proporção do Valor Acrescentado Bruto (VAB) de cada setor de atividade no VAB total das respetivas economias em 2016 (Fonte: OCDE)

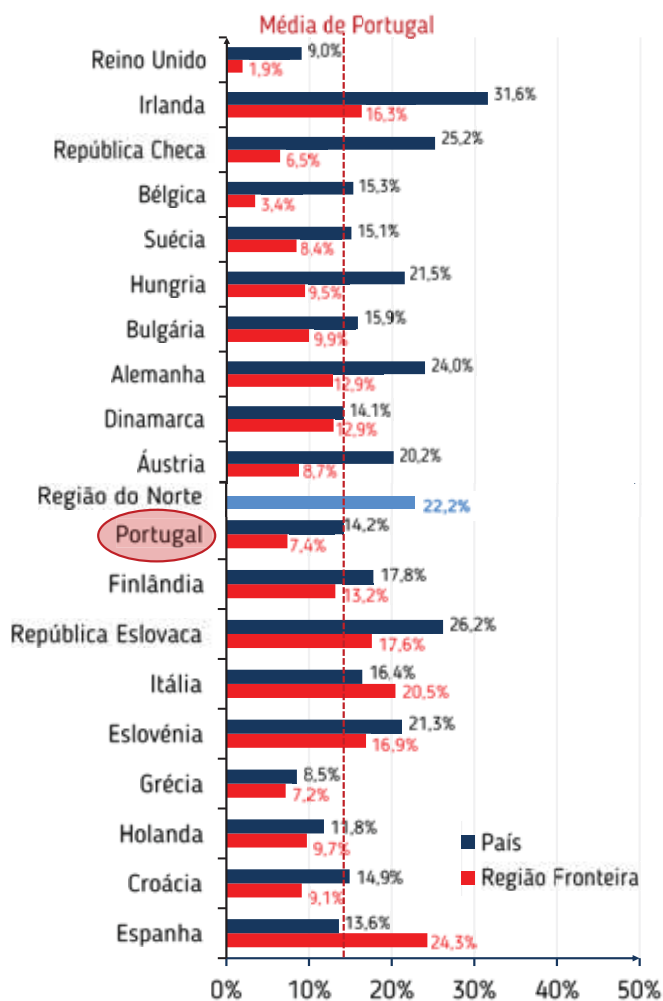


Assim, o modelo de especialização observado em Portugal, onde existe uma região fronteira claramente especializada nos serviços diferenciados e uma ou mais regiões especializadas nas indústrias transformadoras, é comum à maioria dos países da União Europeia. A explicação para este padrão parece residir em dois fatores fundamentais. O primeiro é o efeito "capitalidade" na atração destes serviços especializados, estando o segundo associado à importância das economias de aglomeração nas decisões de localização da atividade industrial. Relativamente ao primeiro fator, as capitais dos países, pela concentração que detêm do poder político, económico, social e cultural, geram um efeito de atração de recursos humanos altamente qualificados. Desde logo, o exercício do poder político exige apoio técnico

especializado em atividades de consultoria nas mais diversas áreas. Ao mesmo tempo, as sedes das principais empresas nacionais tendem a localizar-se nas capitais, gerando, por sua vez, uma procura de serviços especializados de apoio à decisão estratégica, assim como à modernização do processo de gestão e planeamento. Paralelamente às razões políticas e económicas, as capitais tendem a ser centros muito dinâmicos do ponto de vista social e cultural. A procura cultural exercida tende a ser satisfeita por uma oferta de atividades criativas muito diversa, sendo um fator importante para a atração de recursos humanos qualificados e predispostos para trabalharem na área dos serviços.

Relativamente ao segundo fator, o peso do VAB da atividade industrial nas respetivas economias tende a ser maior fora da região capital. Tal acontece, desde logo, pela incapacidade de replicação do efeito capitalidade noutras regiões, reduzindo o peso relativo dos serviços diferenciados e intensivos em conhecimento. Ao mesmo tempo, o custo do solo e dos salários tende a ser mais baixo fora das regiões capitais, atraindo empresas industriais, que necessitam de uma mais ampla

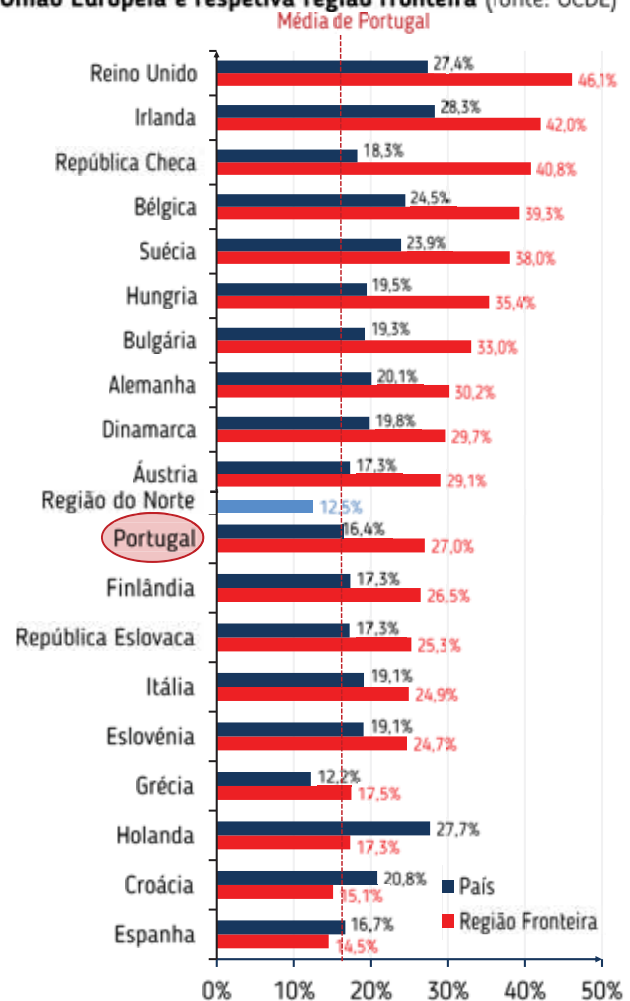
Figura 52 - Proporção do Valor Acrescentado Bruto (VAB) das indústrias transformadoras no VAB total em 2016, por países da União Europeia e na região fronteira (fonte: OCDE)



Apesar do modelo dual, a importância conjunta que os serviços especializados intensivos em conhecimento e as indústrias transformadoras assumem na economia é um bom indicador do crescimento que a produtividade do trabalho poderá vir a ter no futuro. No contexto europeu, o VAB destas atividades em Portugal é dos mais reduzidos da União Europeia, representando 30,6% do total da economia portuguesa em 2016. Atrás de Portugal encontravam-se apenas a Espanha e a Grécia, sendo o ranking liderado por países como a Irlanda (59,9%), a Alemanha (44,1%) e a República Checa (43,5%).

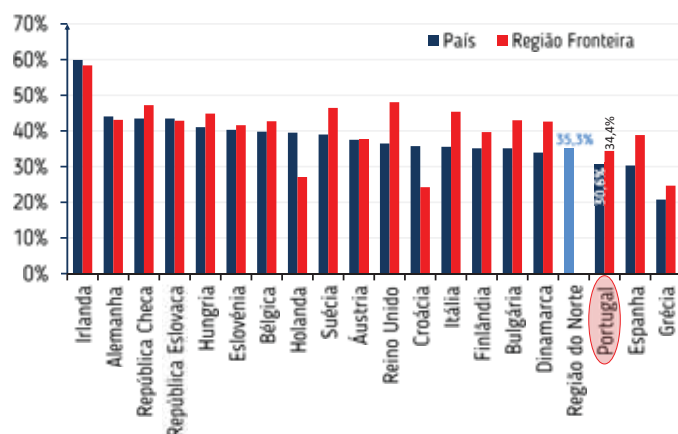
utilização do solo e procuram vantagens competitivas por via dos preços. Também do ponto de vista histórico, a geografia económica das indústrias transformadoras tende a desenvolver-se por via de clusters fortemente ancorados às redes locais, criando fatores de competitividade que apenas são possíveis nesses territórios, como por exemplo a partilha de mercados de trabalho altamente especializados e a ligação da atividade económica ao sistema regional de inovação.

Figura 53 - Proporção do Valor Acrescentado Bruto (VAB) dos serviços especializados no VAB total em 2016, por países da União Europeia e respetiva região fronteira (fonte: OCDE)



Neste ranking, saliente-se o bom posicionamento dos países do Leste Europeu, que são concorrentes diretos da Região do Norte. Ao nível das regiões, o Norte tinha uma percentagem de 35,3%, ligeiramente acima do valor da região fronteira de Portugal (34,4%) e com valores próximos dos alcançados em países como a Dinamarca e a Finlândia.

Figura 54 - Proporção do Valor Acrescentado Bruto (VAB) dos serviços especializados e das indústrias transformadoras no VAB total em 2016, por países da União Europeia e respetiva região fronteira (fonte: OCDE)

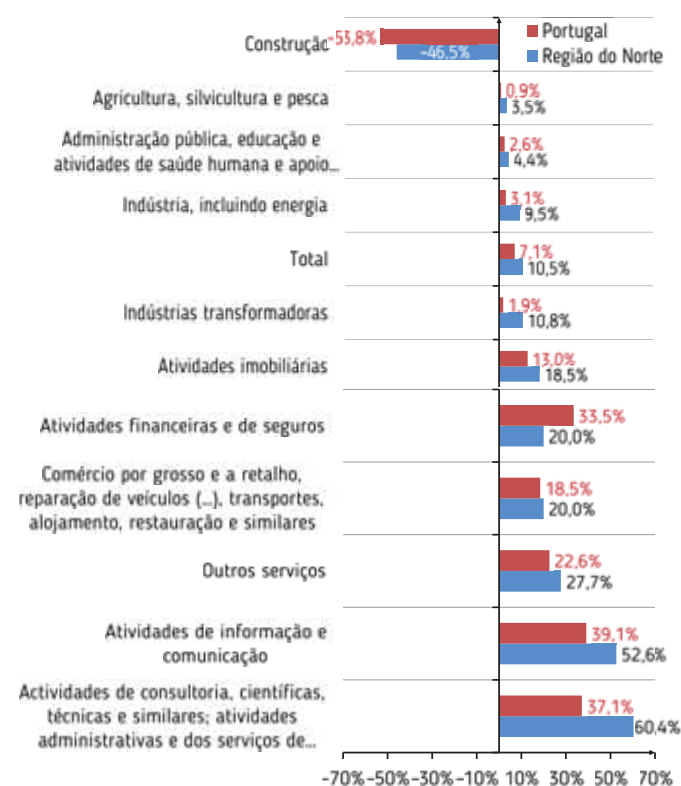


6.6. O crescimento do VAB por setores de atividade

Entre 2000 e 2016, o VAB gerado pelas atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares e das atividades administrativas e dos serviços de apoio cresceu 60,4%, a preços constantes, tendo sido o maior aumento setorial da Região do Norte, acima do que foi observado nas atividades de informação e comunicação (52,6%). Com um crescimento menos expressivo, as atividades financeiras e de seguros registaram uma subida de 20,0%. Na sequência desta evolução, o peso relativo destes três serviços cresceu, em termos agregados, de 9,4% do VAB total da Região do Norte para 12,5% entre 2000 e 2016. Este aumento de 3.1 p.p. na Região do Norte foi ligeiramente inferior ao que se observou em Portugal e esteve bastante abaixo do crescimento observado na região fronteira de Portugal, que viu o peso relativo do VAB destes serviços aumentar de 21,3% para 27,0% durante o mesmo período.

Uma evolução completamente diferente ocorreu no VAB das indústrias transformadoras. Em Portugal observou-se um crescimento de apenas 1,9% entre 2000 e 2016, enquanto na Região do Norte o aumento foi 10,8%. Em sentido oposto, a região fronteira de Portugal viu o VAB das indústrias transformadoras descer 13,7% entre 2000 e 2016. No setor do comércio, transportes, armazenagem, alojamento, restauração e similares, muito relevante em termos de emprego, o crescimento do VAB neste período foi de 20,0% na Região do Norte, ligeiramente superior ao observado em Portugal (18,5%).

Figura 55 - Crescimento do VAB (preços constantes, PPC constante) por setores de atividade entre 2000 e 2016 (taxa de crescimento acumulado, fonte: OCDE)



6.7. O contributo de cada setor para o crescimento do VAB da Região do Norte no contexto nacional

Os maiores contributos setoriais para o crescimento do VAB da Região do Norte (10,5%), entre 2000 e 2016, foram observados no setor terciário. São de destacar os serviços diferenciados e intensivos em conhecimento (as atividades de consultoria, científicas, técnicas, administrativas e serviços de apoio; as atividades financeiras e de seguros e ainda as atividades de informação e comunicação) que registaram o maior contributo (4,33 p.p.) entre todas as atividades económicas. Tendo em conta que estes serviços ainda têm um peso reduzido na atividade económica da Região do Norte, quer em termos de emprego, quer no que ao VAB diz respeito, o seu maior contributo para a criação de riqueza nesta região resultou de um elevado crescimento do emprego em termos percentuais, entre 2000 e 2016. Nas outras atividades do setor terciário, o segundo maior contributo foi observado no comércio, transportes, alojamento, restauração e similares (+4,07 p.p.). No setor secundário, as suas principais atividades económicas observaram um comportamento oposto. O setor da construção, em forte ajustamento, deu um elevado contributo negativo (-4,73 p.p.) para a evolução do VAB da Região do Norte, enquanto as indústrias transformadoras, pelo contrário, observaram um contributo positivo de 2,4 p.p.

Dada a importância que estas atividades económicas têm na competitividade das regiões, importa destacar o contributo agregado do setor industrial e dos serviços diferenciados e intensivos em conhecimento. Na Região do Norte, o contributo conjunto destas atividades foi de 6,82 p.p. entre 2000 e 2016, um valor que compara com 5,26 p.p. em Portugal e 5,64 p.p. na região fronteira. O maior contributo observado na Região do

Norte no conjunto destas atividades resultou de uma maior resiliência de toda a indústria em comparação com o que foi observado em Portugal e na Área Metropolitana de Lisboa. Nesta última região, o contributo de toda a indústria para o VAB da Área Metropolitana de Lisboa foi negativo (-1,19 p.p.) e em Portugal foi ligeiramente positivo (+0,56 p.p.). Na Região do Norte o contributo deste setor foi de 2,49 p.p.

Quadro 7 - Contributos (p.p.) para o crescimento do VAB (preços constantes, PPC constante) por ramos de atividade entre 2000 e 2016

Setores de atividade		Portugal		Região do Norte		Área Metropolitana de Lisboa (região fronteira)	
Secção ISIC rev.4	Nome do setor	Taxa de crescimento (2000-2016)	Contributos (p.p.) setoriais	Taxa de crescimento (2000-2016)	Contributos (p.p.) setoriais	Taxa de crescimento (2000-2016)	Contributos (p.p.) setoriais
	Total da economia	7,1%		10,5%		4,3%	
A	Agricultura, silvicultura e pesca	0,9%	0,02 p.p.	3,5%	0,06 p.p.	17,1%	0,06 p.p.
B a E	Indústria, incluindo indústrias transformadoras e energia	3,1%	0,56 p.p.	9,5%	2,49 p.p.	-10,7%	-1,19 p.p.
C	Indústrias transformadoras	1,9%	0,28 p.p.	10,8%	2,4 p.p.	-13,7%	-1,22 p.p.
F	Construção	-53,8%	-4,97 p.p.	-46,5%	-4,73 p.p.	-60,6%	-4,85 p.p.
G a I	Comércio por grosso e a retalho, reparação de veículos (...), transportes, alojamento, restauração e similares	18,5%	4,15 p.p.	20,0%	4,07 p.p.	13,6%	3,24 p.p.
J	Atividades de informação e comunicação	39,1%	1,12 p.p.	52,6%	0,95 p.p.	36,3%	1,87 p.p.
K	Atividades financeiras e de seguros	33,5%	1,28 p.p.	20,0%	0,6 p.p.	39,6%	2,41 p.p.
L	Atividades imobiliárias	13,0%	1,37 p.p.	18,5%	1,84 p.p.	4,1%	0,44 p.p.
M a N	Actividades de consultoria, científicas, técnicas e similares; atividades administrativas e dos serviços de apoio	37,1%	2,3 p.p.	60,4%	2,78 p.p.	25,3%	2,55 p.p.
O a Q	Administração pública, educação e atividades de saúde humana e apoio social	2,6%	0,55 p.p.	4,4%	0,9 p.p.	0,1%	0,02 p.p.
R a U	Outros serviços	22,6%	0,6 p.p.	27,7%	0,67 p.p.	15,3%	0,48 p.p.

Fonte: OCDE

7. Mudança Estrutural comparada entre as NUTS II de Portugal

7.1. Contributos intrasetorial e intersectorial

Entre 2000 e 2016 a evolução da produtividade do trabalho da Região do Norte foi determinada, sobretudo, pelo crescimento da produtividade dentro de cada setor (componente intrasetorial) e não tanto pela transferência do emprego para setores com maiores níveis de produtividade do trabalho (contributo intersectorial).

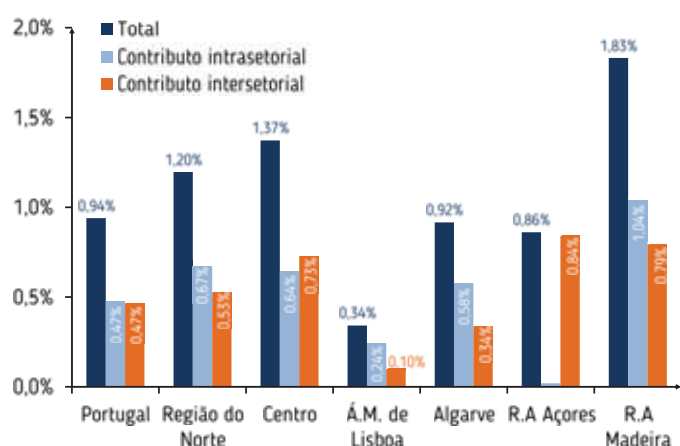
Cada uma destas componentes tem subjacente fatores económicos distintos. O contributo intrasetorial está geralmente

associado a fatores como o aumento da eficiência produtiva por via da inovação, do investimento e de uma melhor organização dos recursos humanos, a melhoria da qualidade de gestão das empresas, a maior capacidade em transformar produção em valor acrescentado, o aumento da qualificação da mão-de-obra, entre outros. Entre 2000 e 2016, em média anual, a componente intrasetorial na Região do Norte contribuiu com 0,67 p.p. para o crescimento de 1,2% da produtividade do trabalho, tendo sido um contributo superior ao observado pela mesma componente em Portugal (0,47 p.p.) e em todas as NUTS II do Continente. Entre estas, o contributo intrasetorial da

Região do Centro foi de 0,64 p.p. e o da Área Metropolitana de Lisboa foi de 0,24 p.p.

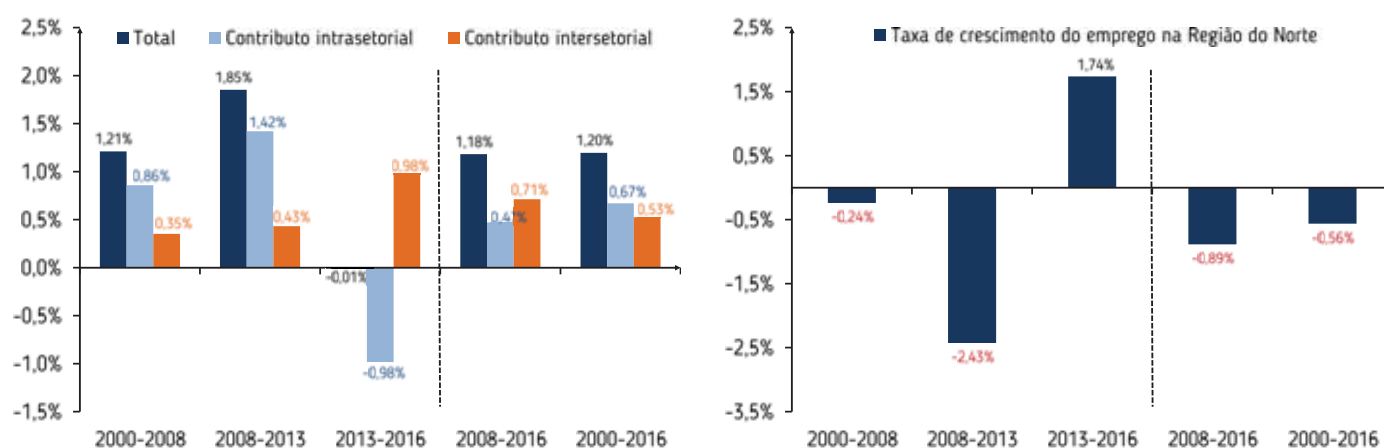
O contributo da componente intersetorial para a evolução da produtividade do trabalho está ligada à mobilidade de recursos entre atividades, relacionando-se com a expansão de novas atividades e o declínio de atividades mais antigas, decorrentes de alterações na tecnologia e nas condições globais da oferta e da procura dos mercados. Entre 2000 e 2016, esta componente intersetorial contribuiu, em média anual, com 0,53 p.p. para a produtividade do trabalho da Região do Norte, um valor que compara com 0,47 p.p. em Portugal; 0,73 p.p. na Região do Centro e 0,1 p.p. na Área Metropolitana de Lisboa.

Figura 56 - Os contributos intrasetoriais e intersetoriais para o crescimento da produtividade do trabalho entre 2000 e 2016 (valores em média anual, p.p.)



As indústrias transformadoras tiveram um papel determinante e, ao mesmo tempo, antagónico na evolução da produtividade do trabalho da Região do Norte entre 2000 e 2016. Se por um lado, em função da modernização de que foram objeto, as indústrias transformadoras explicaram cerca de 85% de todo o

Figura 57 - Decomposição do crescimento da produtividade do trabalho na Região do Norte e evolução do emprego entre 2000 e 2016 (valores em média anual, p.p.)



crescimento da produtividade do trabalho associado à componente intrasetorial da Região do Norte, por outro, este setor perdeu cerca de 145.000 postos de trabalho de trabalho entre 2000 e 2016, promovendo desta forma o maior contributo negativo na componente intersetorial.

Os contributos das componentes intrasetorial e intersetorial foram ainda assim diferentes ao longo da série temporal em análise. Entre 2000 e 2008, num período em que a Região do Norte registou uma ligeira queda do emprego, o crescimento da produtividade do trabalho foi de 1,21%, em média anual, tendo sido esta evolução explicada sobretudo pela componente intrasetorial, que contribuiu com 0,86 p.p. para este crescimento. Foi também nesta fase que se observou o menor ritmo de mudança estrutural da Região do Norte, com um contributo de 0,35 p.p. da componente intersetorial.

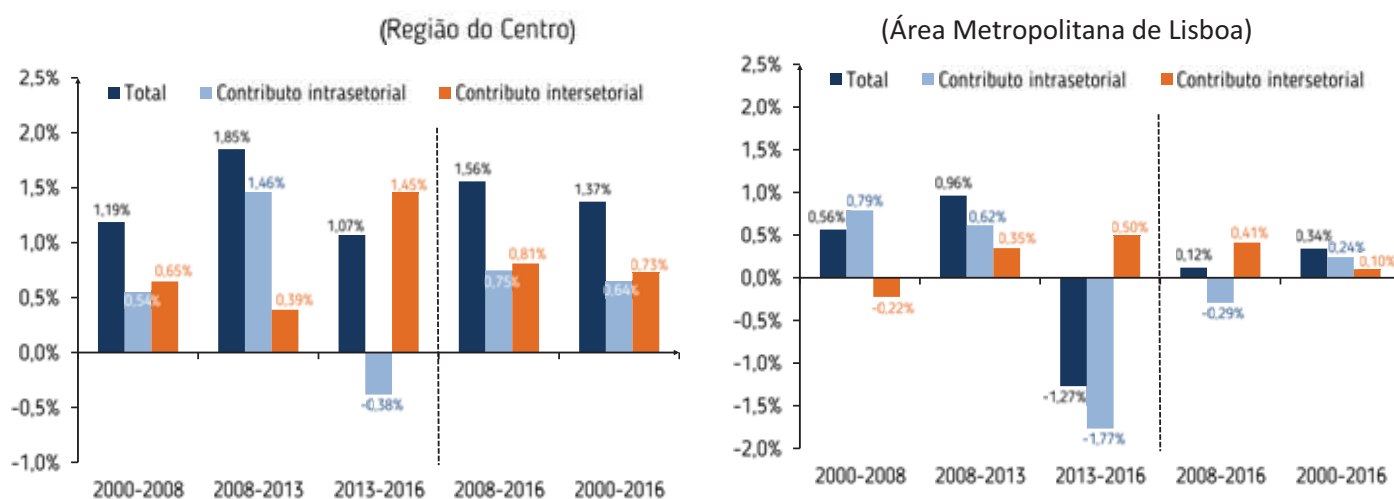
Na fase seguinte, entre 2008 e 2013, a Região do Norte observou uma redução significativa do emprego (2,43% em média anual), que foi acompanhada pelo maior crescimento da produtividade do trabalho de toda a série temporal em análise (1,85%, em média anual). A evolução deste último indicador foi determinada, em grande medida, pela componente intrasetorial (1,42 p.p.), pelo que a crise económica não terá acelerado de forma substancial o ritmo de mudança estrutural face ao período anterior. A crise económica agudizou a queda do emprego, o que terá induzido uma maior eficiência na utilização dos recursos empregados. Com uma evolução claramente oposta, o período de 2013 a 2016 observou uma aceleração do ritmo de mudança estrutural, com as duas componentes a contribuírem de modo oposto para o crescimento observado. Como nesta fase o emprego cresceu 1,74%, em média anual, pode-se concluir que uma parte deste crescimento teve como destino setores mais dinâmicos da economia da Região do Norte.

7.2. Ciclos económicos e mudança estrutural

A comparação entre as principais regiões de Portugal evidencia diferenças significativas entre as regiões mais industrializadas (Regiões do Norte e do Centro) e a região fronteira (Área Metropolitana de Lisboa) relativamente ao contributo de cada componente para a produtividade do trabalho antes e depois da crise financeira internacional de 2008. Entre 2000 e 2008, a componente intersetorial deu um contributo negativo (-0,22 p.p.) para o crescimento da produtividade do trabalho da Área Metropolitana de Lisboa, em contraciclo com o que foi observado na Região do Norte (+0,35 p.p.) e na Região do Centro (+0,65 p.p.). Ou seja, entre 2000 e 2008 na região fronteira houve uma realocação de recursos em favor de setores menos

dinâmicos do ponto de vista do crescimento da produtividade do trabalho. Na fase seguinte, entre 2008 e 2016, a região fronteira observou, pelo contrário, um contributo positivo na componente intersetorial (+0,41 p.p.), ainda que inferior ao observado na Região do Norte (0,71 p.p.) e na Região do Centro (0,81 p.p.). No entanto, e rovemente em contraciclo com as regiões mais industrializadas de Portugal, a região fronteira assistiu nesta fase a uma deterioração da competitividade setorial, registando um contributo negativo da componente intrasetorial (-0,29 p.p.), contra um aumento observado na Região do Norte (+0,47 p.p.) e na Região do Centro (0,75 p.p.)

Figura 58 - Decomposição do crescimento da produtividade do trabalho da Região do Centro e na região fronteira



Síntese conclusiva

O período de quase duas décadas em estudo foi globalmente marcado em Portugal por um fraco ritmo de crescimento da produtividade do trabalho - apenas 15,2%, em termos acumulados -, em flagrante contraste com outros países europeus e, em particular, com o Leste da Europa. A debilidade do ritmo de crescimento da produtividade do trabalho foi particularmente grave e notória no caso da região fronteira portuguesa (Área Metropolitana de Lisboa), que, entre 2000 e 2017, cresceu apenas 3,3%. Em termos comparativos, a evolução na Região do Norte foi bastante mais favorável, registando um crescimento acumulado de 20,0% e constituindo a NUTS II com o maior contributo para o crescimento deste indicador à escala nacional (5,26 p.p.).

Apesar disso, no contexto europeu a evolução da Região do Norte foi modesta, mantendo-se praticamente inalterado o diferencial de produtividade face à média europeia e registando-se um atraso considerável relativamente a outras

regiões industrializadas. Tendo convergido ligeiramente relativamente à média do país (de 82,1% para 85,6%), a produtividade do trabalho na Região do Norte manteve-se como a mais baixa entre as NUTS II nacionais, representando cerca de 2/3 do valor médio da União Europeia e das suas regiões mais industrializadas e pouco mais de metade do valor observado nas regiões fronteira.

No que respeita às dinâmicas estruturais, os processos de desindustrialização e de terciarização do emprego constituíram tendências marcantes em todo o país, em linha com os movimentos globais da União Europeia. Na Região do Norte, as indústrias transformadoras perderam cerca de 150.000 empregos, enquanto o setor da construção e o setor primário viram o emprego baixar em cerca de 100.000 e 50.000 indivíduos, respetivamente. Em sentido oposto, o setor terciário observou um crescimento no emprego em cerca de 150.000 indivíduos, 64.000 dos quais no setor terciário superior (atividades de consultoria, científicas, técnicas, administrativas

e serviços de apoio; as atividades financeiras e de seguros, atividades de informação e comunicação).

Em linha com este movimento, verificou-se uma alteração nas fontes de criação de riqueza na região. As atividades do setor terciário superior desempenharam o papel de principal motor de crescimento económico entre 2000 e 2016, suplantando o contributo das indústrias transformadoras, não obstante representarem apenas 11,3% do emprego total da região em 2016.

A mobilidade de emprego para setores mais produtivos foi, ainda assim, uma dinâmica com impacto moderado na produtividade do trabalho, contribuindo, em média anual, com 0,53 p.p. para o crescimento da produtividade do trabalho da Região do Norte de 1,2% entre 2000 e 2016. A outra componente, associada a ganhos de competitividade interna dos setores, deu o maior impulso para o crescimento da produtividade global da região (0,67 p.p.). Este contributo esteve fortemente ancorado na reestruturação e modernização das indústrias transformadoras, que viram a produtividade do trabalho crescer em 51,6% entre 2000 e 2016, o 12º maior crescimento entre as 21 regiões mais industrializadas incluídas neste estudo.

Num período marcado por uma sequência de choques assimétricos negativos, a intensidade moderada do ritmo de mudança estrutural constituiu um elemento limitativo do crescimento económico da Região. Entre 2000 e 2017 houve uma redução líquida de postos de trabalho, que, em média anual, configurou uma redução do emprego de 0,36%. De resto, um traço marcante da região ao longo do período em estudo consistiu na sua grande vulnerabilidade no domínio do emprego, sobretudo tendo como pano de fundo o contexto europeu. Esta tendência assume particular relevo no contexto atual, na sequência da crise pandémica e dos seus efeitos sobre o mercado do trabalho, que poderão ser particularmente devastadores na região.

A redução do emprego foi também uma característica global da evolução nacional entre 2000 e 2017, em contraciclo com a União Europeia, assim como com as regiões fronteira e as regiões mais industrializadas, que registaram no mesmo período um aumento simultâneo da produtividade e do emprego. Na fase mais recente do ciclo económico, entre 2013 e 2017, houve contudo uma alteração neste padrão, com o emprego a ter um papel determinante na criação de riqueza, em detrimento da produtividade do trabalho. Nesta fase a Região do Norte voltou a mostrar um dinamismo superior ao do país, ao observar, em média anual, um crescimento

económico de 1,87% e um aumento do emprego de 2,03%, contra os valores nacionais de 1,53% e 1,92%, respetivamente.

A análise da relação entre crescimento da produtividade do trabalho e o processo de coesão territorial interna, tendo como pano de fundo o papel desempenhado pelas regiões-fronteira como possíveis âncoras de crescimento dos países, não fornece evidência indicativa de uma eventual relação negativa entre as duas variáveis. Nos Estado-Membros que observaram aumentos da produtividade do trabalho superiores ao de Portugal (10 no total), em 6 casos a região-fronteira registou um crescimento inferior à média do país, reduzindo-se as assimetrias internas. Nestes 6 casos (Roménia, Irlanda, Eslovénia, Hungria, Croácia e Holanda), foi assim possível conjugar um crescimento significativo da produtividade do trabalho à escala nacional com maiores índices de coesão territorial. Neste contexto, a hipótese segundo a qual a debilidade do crescimento português decorre da aposta na convergência interna, em vez de uma opção mais afirmativa em torno da promoção da sua região-fronteira, bem como a consideração de que o aumento das disparidades internas constitui uma inevitabilidade nas trajetórias de crescimento dos países, não são corroboradas pela evidência empírica disponível. Esta conclusão é tanto mais relevante quando permanecem fortes assimetrias entre a região-fronteira de Portugal e o resto do País no que diz respeito ao nível de produtividade do trabalho e ao ritmo de crescimento do emprego. A constatação destas diferenças é importante do ponto de vista económico e social, sublinhando a relevância associada à definição de uma política económica regional em estreito alinhamento com as necessidades específicas de cada território.

Referências

- Cerina, F. and Mureddu, F. (2014) Is Agglomeration Really good for Growth? Global Efficiency, Interregional Equity and Uneven Growth. *Journal of Urban Economics*, 84, pp. 9-12
- Comissão Europeia (2019). *Estratégia Anual para o Crescimento Sustentável 2020*. COM(2019) 650.
- OCDE (2018). Can Productivity Still Grow in Service-Based Economies? Literature Overview and Preliminary Evidence From OECD Countries. *OECD Economics Department Working Papers* No. 1531
- Oliveira-Martins, J., 2018. Place-Based Policies: What Design and Governance? Keynote Lecture presented at the III Conference Series on Public Policies, *Territorial Planning and Spatial Development (P3DT)*, Vila Nova de Gaia, Portugal, 1-2 March.
- Puga et al. (2012) Productivity advantages of Large Cities: Distinguishing Agglomeration From Firm Selection. *Econometrica*, 80(6), pp. 2543-2594

Índice	
Resumo	2
Introdução	3
1. A classificação das regiões com base na metodologia da OCDE	5
1.1. A aplicação da classificação da OCDE às regiões em estudo.....	5
2. A produtividade do trabalho	7
2.1. Comparação entre países.....	7
2.2. Comparação entre regiões.....	9
2.3. Assimetrias de produtividade no interior de cada país	11
2.4. Dinâmicas de crescimento: comparação entre regiões mais industrializadas.....	12
2.5. Assimetrias regionais e o crescimento da produtividade do trabalho dos países da União Europeia.....	13
3. O emprego	14
3.1. O crescimento do emprego na Região do Norte no quadro europeu	14
3.2. Contributos das diferentes categorias de regiões para o crescimento do emprego.....	15
3.3. Crescimento do emprego: diferenças entre categorias de regiões	16
4. O crescimento económico da Região do Norte em termos comparados	16
5. A estrutura produtiva	18
5.1. O emprego por setores de atividade	18
5.2. A produtividade do trabalho por ramos de atividade na Região do Norte.....	19
5.3. A produtividade do trabalho nas indústrias transformadoras no contexto das regiões mais industrializadas.....	21
6. Mudança Estrutural	21
6.1. O crescimento do emprego por setores de atividade.....	21
6.2. A evolução da estrutura produtiva entre 2000 e 2016.....	23
6.3. O crescimento da produtividade do trabalho por ramos de atividade: a Região do Norte no contexto nacional	25
6.4 O crescimento da produtividade e do emprego nas indústrias transformadoras no contexto das regiões mais industrializadas	26
6.5. O Valor Acrescentado Bruto (VAB) da Região do Norte no contexto nacional.....	26
6.6. O crescimento do VAB por setores de atividade.....	29
6.7. O contributo de cada setor para o crescimento do VAB da Região do Norte no contexto nacional	29
7. Mudança Estrutural comparada entre as NUTS II de Portugal	30
7.1. Contributos intrasetorial e intersectorial.....	30
7.2. Ciclos económicos e mudança estrutural.....	32
Síntese Conclusiva	32
Índice de Figuras	35
Índice de Quadros	38

Índice de Figuras

Figura 1 - Índice de produtividade do trabalho (VAB avaliado a preços constantes, PPC constante /emprego) em 2017..	5
Figura 2 - Crescimento da produtividade do trabalho (VAB avaliado a preços constantes, PPC constante/emprego) entre 2000 e 2017	5
Figura 3 - Países da União Europeia com a maioria das regiões de convergência.....	6
Figura 4 - Países da União Europeia com a maioria das regiões <i>keeping-pace</i>	6
Figura 5 - Países da União Europeia com a maioria das regiões de divergência	6
Figura 6 - Índice de produtividade do trabalho (VAB avaliado a preços constantes, p.p.c constante/emprego).....	7
Figura 7 - Produtividade do trabalho (VAB a preços constantes, a p.p.c constantes /emprego) dos países da União Europeia em 2017.....	8
Figura 8 - Estagnação e Convergência da Região do Norte.....	9
Figura 9 - Divergência da Região do Norte	9
Figura 10 - Crescimento da produtividade do trabalho da Região do Norte em comparação com as categorias de regiões entre 2000 e 2017.....	10
Figura 11 - Contributos (p.p.) de cada NUTS II para o crescimento da produtividade do trabalho em Portugal entre 2000 e 2017	10
Figura 12 - Categorias de regiões que mais contribuíram para o crescimento da produtividade do trabalho dos respetivos países entre 2000 e 2017.....	10
Figura 13 - Assimetrias na produtividade do trabalho (VAB a preços constantes, a p.p.c constantes /emprego) em 2017	12
Figura 14 - Produtividade do trabalho (VAB a preços constantes, a PPC constantes /emprego) das regiões mais industrializadas de cada país em 2017	12
Figura 15 - Produtividade do trabalho (VAB a preços constantes, a PPC constantes /emprego) das regiões mais industrializadas de cada país em 2000.....	12
Figura 16 - Produtividade do trabalho (VAB a preços constantes, a PPC constantes /emprego) das regiões mais industrializadas de cada país em 2017.....	12
Figura 17 - Relação entre o nível de produtividade do trabalho em 2000 e a taxa de crescimento da produtividade do trabalho entre 2000 e 2017 nas regiões mais industrializadas de cada país.....	13
Figura 18 - Assimetrias no crescimento da produtividade do trabalho (VAB a preços constantes, a PPC constantes /emprego) entre 2000 e 2017.....	13
Figura 19 - Relação entre o crescimento da produtividade do trabalho dos Estados-Membros (excluindo países do Leste Europeu) e as assimetrias regionais entre 2000 e 2017	13
Figura 20 - Crescimento do emprego entre 2000 e 2017	14
Figura 21 - Crescimento do emprego entre 2000 e 2017 nas categorias de regiões da União Europeia.....	15

Figura 22 - Contributos (p.p.) de cada NUTS II para o crescimento do emprego em Portugal entre 2000 e 2017.....	15
Figura 23 - Crescimento do emprego nas regiões fronteira, nas regiões mais industrializadas e no país como um todo	16
Figura 24 - Decomposição do crescimento económico (VAB) entre 2000 e 2017 por categorias de regiões.....	16
Figura 25 - Decomposição do crescimento económico (VAB) entre 2013 a 2017 por categorias de regiões.....	17
Figura 26 - Crescimento do emprego e da produtividade do trabalho na região mais industrializada de cada país...	17
Figura 27 - Crescimento económico (VAB) na região mais industrializada de cada país.....	17
Figura 28 - Proporção de cada setor de atividade no total do emprego das respetivas economias em 2016	18
Figura 29 - Proporção das indústrias transformadoras no emprego total em 2016.....	18
Figura 30 - Proporção dos serviços diferenciados e intensivos em conhecimento no emprego total em 2016.....	18
Figura 31 - Regiões Fronteira: proporção do emprego das indústrias transformadoras e dos serviços diferenciados e intensivos em conhecimento no emprego total em 2016.....	19
Figura 32 - Regiões mais industrializadas: proporção do emprego das indústrias transformadoras e dos serviços diferenciados e intensivos em conhecimento no emprego total em 2016.....	19
Figura 33 - Produtividade do trabalho por setores de atividade na Região do Norte, em 2016.....	20
Figura 34 - Proporção do emprego por setores de atividade na Região do Norte, em 2016	20
Figura 35 - Produtividade do trabalho da Região do Norte, da Região do Centro e da região fronteira face ao valor de Portugal em cada um dos setores de atividade em 2016	20
Figura 36 - Produtividade do trabalho das indústrias transformadoras nas regiões mais industrializadas face à produtividade do trabalho desse setor em cada um dos países, em 2016.....	21
Figura 37 - O nível de produtividade do trabalho das indústrias transformadoras das regiões mais industrializadas face ao valor desse setor na Região do Norte em 2016.....	21
Figura 38 - Setores de atividade com crescimento do emprego entre 2000 e 2016 na Região do Norte.....	22
Figura 39 - Crescimento do emprego das indústrias transformadoras na região fronteira e na região mais industrializada de cada país entre 2000 e 2016.....	22
Figura 40 - Setores de atividade com decréscimo do emprego entre 2000 e 2016 na Região do Norte	22
Figura 41 - Crescimento do emprego dos serviços diferenciados e intensivos em conhecimento na região fronteira e na região mais industrializada de cada país entre 2000 e 2016.....	22
Figura 42 - Regiões mais industrializadas: crescimento do emprego no agregado composto pelos serviços diferenciados e intensivos em conhecimento e indústrias transformadoras entre 2000 e 2016	23
Figura 43 - Regiões fronteira: taxa de crescimento do emprego no agregado composto pelos serviços diferenciados e intensivos em conhecimento e as indústrias transformadoras entre 2000 e 2016.....	23
Figura 44 - Proporção de cada setor no emprego total da Região do Norte.....	24
Figura 45 - Crescimento da produtividade do trabalho (VAB a preços constantes, a p.p.c constantes /emprego) na Região do Norte por setores de atividade entre 2000 e 2016.....	24
Figura 46 - Crescimento do emprego na Região do Norte por setores de atividade entre 2000 e 2016	24

Figura 47 - Crescimento da produtividade do trabalho entre 2000 e 2016, por ramos de atividade, na Região do Norte, na região fronteira de Portugal e em Portugal.....	25
Figura 48 - Proporção do emprego de cada setor de atividade no total das respetivas economias em 2016	25
Figura 49 - Evolução da produtividade do trabalho e do emprego no setor das indústrias transformadoras da região mais industrializada de cada país entre 2000 e 2016	26
Figura 50 - Crescimento do VAB no setor das indústrias transformadoras na região mais industrializada de cada país entre 2000 e 2016.....	26
Figura 51 - Proporção do Valor Acrescentado Bruto (VAB) de cada setor de atividade no VAB total das respetivas economias em 2016.....	27
Figura 52 - Proporção do Valor Acrescentado Bruto (VAB) das indústrias transformadoras no VAB total em 2016, por países da União Europeia e na região fronteira.....	28
Figura 53 - Proporção do Valor Acrescentado Bruto (VAB) dos serviços especializados no VAB total em 2016, por países da União Europeia e respetiva região fronteira.....	28
Figura 54 - Proporção do Valor Acrescentado Bruto (VAB) dos serviços especializados e das indústrias transformadoras no VAB total em 2016, por países da União Europeia e respetiva região fronteira.....	29
Figura 55 - Crescimento do VAB (preços constantes, PPC constante) por setores de atividade entre 2000 e 2016.....	29
Figura 56 - Os contributos intrasetoriais e intersetoriais para o crescimento da produtividade do trabalho entre 2000 e 2016	31
Figura 57 - Decomposição do crescimento da produtividade do trabalho na Região do Norte e evolução do emprego entre 2000 e 2016.....	31
Figura 58 - Decomposição do crescimento da produtividade do trabalho da Região do Centro e na região fronteira .	32

Índice de Quadros

Quadro 1 - Classificação das NUTS II de acordo com a metodologia da OCDE	5
Quadro 2 - Regiões fronteira e restantes regiões de acordo com a classificação da OCDE, por países.....	7
Quadro 3 - Contributos regionais para o crescimento da produtividade do trabalho dos países da União Europeia entre 2000 e 2017 (p.p.).....	11
Quadro 4 - Taxas de crescimento do emprego entre as categorias de regiões da União Europeia, por ciclos económicos	14
Quadro 5 - Contributos (p.p.) para o crescimento do emprego de cada país da União Europeia entre 2000 e 2017....	15
Quadro 6 - Decomposição das taxas de crescimento do VAB na região mais industrializada de cada país.....	17
Quadro 7 - Contributos (p.p.) para o crescimento do VAB (preços constantes, PPC constante) por ramos de atividade entre 2000 e 2016.....	30

NORTE ESTRUTURA

CENTRO DE ESTUDOS DO TERRITÓRIO E DA REGIÃO
Direção de Serviços de Desenvolvimento Regional

Coordenação: Vasco Leite (vasco.leite@ccdr-n.pt)
Equipa técnica: António Lacerda e Josefina Gomes

Contactos:

Gabinete de Marketing e Comunicação: gabinete.comunicação@ccdr-n.pt